

# O MOMENTO feminino

SEXTA-FEIRA, 19 DE SETEMBRO DE 1947

Cr\$ 1,00



ANO I



N.º 9

UM JORNAL PARA O SEU LAR



# Candidatas à Camara Municipal do Estado do Rio

Movimentar-se a população fluminense para o pleito eleitoral de 28 de setembro, data em que o povo brasileiro dará mais um passo democrático em nossa pátria. Esse o elevado significado das eleições municipais.

Em todas as chapas dos diversos municípios foram incluídos nomes femininos, numa verdadeira demonstração de compreensão do valor e das possibilidades da mulher na vida política.

Realmente, as mulheres nas Câmaras Municipais do Estado vizinho poderão fazer muito em benefício da população fluminense, defendendo leis contra os latifúndios, que tanto escravizam as camponesas, elaborando projetos em favor do abastecimento, da educação, de melhores transportes, da saúde, da habitação, etc.

Eis porque a mulher fluminense viverá intensamente as eleições do próximo dia 28, organizando comitês pro-candidaturas de suas futuras Vereadoras.

O voto feminino só será uma grande arma de defesa das mulheres, se bem utilizado por elas.

**MOMENTO FEMININO** acredita na grande vitória feminina neste pleito eleitoral no Estado do Rio, porque vê em todas as mulheres o desejo de saírem das privações atuais para uma vida mais digna e feliz.

Acreditamos na grande vitória feminina no Estado do Rio porque sabemos que a mulher brasileira deseja sair da atual situação em que vive, escravizada aos preços exorbitantes, às más condições de higiene, de transporte, de alimentação. As mulheres do Brasil confiam na Democracia e a defendem. Amam seus lares e os querem felizes. Amam sua pátria — grande lar — e a querem ver livre, próspera e feliz.

Por tudo isso as mulheres querem as suas representantes nos Parlamentos. Quem melhor que a mulher para defender a mulher?

As candidatas fluminenses sabem o papel que têm a desempenhar, sabem o que vão fazer em defesa do Povo.

Daura Jobert Barreto e Carmem Bastos, em Merity; Maria Corina Guimarães, em Caxias; Albertina Gonçalves Ferreira, em Valença; Paula Oest, em Petrópolis; Maria Amélia Rangel Guerreiro, Nilópolis; Edith Olivier, em Niterói, esses os nomes femininos a sufragar.

Esperamos sejam vitoriosas.



1 — Edith Olivier, professora, candidata a vereador em Niterói — Partido Libertador



3 — Maria Corina Guimarães, enfermeira, candidata a vereador em Cordeiros pelo Partido Social Democrático



— Maria Amélia Rangel Guerreiro, aviadora, candidata em Nilópolis pelo P. S. D.



2 — Paula Oest, professora, candidata a vereador em Petrópolis — Partido Libertador

A estatística oficial do Distrito Federal, com algum atraso, concluiu mais uma vez que de 1941 a 1945 nasceram mais mulheres do que homens.

Damos o quadro demonstrativo:

ANO	HOMENS	MULHERES
1941	17.936	16.817
1942	20.031	19.033
1943	21.041	20.054
1944	21.516	20.891
1945	21.743	21.184

A Prefeitura cobra 60 % nos impostos dos gêneros de 1.ª necessidade.

Morre no Distrito Federal quase um acidentado por dia. Entretanto, ocorreu maior número de mortes em janeiro, fevereiro e dezembro de 1946 em que morreram 42, 45 e 31 pessoas, respectivamente.

A população da área malarígena do Estado do Rio de Janeiro, foi estimada em 710.300 habitantes.

## Curiosidades de Nosso Idioma

Continuando o assunto interrompido alguns números atrás, O MOMENTO FEMININO dá hoje, as suas leitoras, a origem de mais algumas expressões peculiares de nosso idioma.

"Andar numa roda viva" é outra expressão que vem das torturas da Inquisição, quando se amarrava o hereje na "roda", fazendo-a girar até que o supliciado perdesse os sentidos. Da Inquisição, também, essa frase tão conhecida, que aplicamos a quem se encontra entre duas dificuldades: "Fulano está entre a cruz e a caldeirinha", o que significa apenas variar de suplicio, passando da cruz, onde o hereje era pregado, à caldeirinha, onde era fervido...

Mas nem todos os nossos ditos peculiares têm origem tão trágica... E, por falar em trágica, as leitoras já se lembraram de verificar quantas expressões habituais de nosso falar de todos os dias nos vêm do teatro? Vejamos só: — "isto não é papel" que se faça! — com o competente aumentativo, em tom depreciativo: — "Fulano fez um papelão!" — "Foi uma verdadeira farça!" — "Você assistiu à tragédia da Frota Carioca?" — "Foi um drama!" — "Fulana enganou a todos; foi uma comédia!" — (e, mais modernizado, influência, já agora, do cinema: — "Ela não tem nada; está só fazendo fita!" — "Vi tudo, mas dos bastidores. Não quis tomar qualquer papel..." — "O marido fez-lhe uma cena...", etc. etc.

Muitos vocábulos nos vêm, através do latim, da época do paganismo, e nós, muitas vezes bons cristãos e bons católicos, empregamos, inocentemente, sem a menor desconfiança, vários termos em que ainda aparece, bem viva, a influência dos velhos e caducos deuses do Olimpo... Assim, por exemplo, quando dizemos que Fulano é "jovial", podemos nem estar pensando nisso, mas o fato é que há, nesse qualificativo, referência claríssima a Jove, Júpiter, senhor dos deuses pagãos. A princípio, servia para designar aquele que estava sob a proteção de Jove, (Júpiter) e tinha, portanto, saúde de corpo e espírito. Daí, passou a ter a significação que guarda até hoje: pessoa alegre, bem humorada.

Mais conhecida é a referência a Marte, deus da guerra, quando dizemos que determinado militar tem o aspecto "marcial".

E até o próximo número, prezadas leitoras!

## MUNDO DE HOJE



## MUNDO DE HOJE



## MUNDO DE HOJE

### ENEIDA

A crise mundial toma, em cada hora que passa, proporções assustadoras. Um matutino publicava há dias um telegrama de Londres sobre o aspecto da crise na Europa. Dizia esse telegrama entre outras coisas: — As três maiores nações da Europa — Grã-Bretanha, França e Itália — mergulharam ainda mais na pobreza e dos pequenos países mais ricos da Europa, a Suécia sentiu os primeiros golpes da crise econômica que assola toda a parte ocidental do continente. Tem havido na Europa terríveis secas. O governo inglês pede ao seu proletariado aumento de produção. Na Alemanha as batatas ficaram assadas pelo excesso de calor.

Na França o custo de vida aumentou de tal maneira que o que custava 100 francos em 1936 custa hoje 1.100!

Em outro matutino lemos um artigo de Wallace de

monstrando que os Estados Unidos caminha para uma pavorosa crise e diz: "em 1948 os preços cairão e co-meçará o desemprego".

Este o espetáculo doloroso do mundo atual. Em todos os países estão as mulheres na frente da luta contra a crise, na luta pelo aumento de salários, pela diminuição do custo de vida, na luta contra os trusts e monopólios, contra o comércio negro e os açambarcadores, na luta pelo pão.

No Brasil a vida tão cara, o salário tão baixo, a falta do mais necessário à vida (transporte, água, carne, leite) festeja-se a Constituição de 1946 em seu primeiro aniversário. Um aniversário triste; não há dúvida, porque ela está aí impressa, discutida e aprovada, ela existe, mas não é realizada.

Vale a pena reler neste aniversário trechos de uma Carta que tanto sangue custou, aqui e lutamos por ela tantos anos, na Europa

Vale a pena reler a Constituição que festejamos agora. Reler sério e, defendê-la intransigentemente. Levá-la a ser cumprida.

Nesse aniversário de nossa Constituição só um desejo deve ser o de todas nós mulheres:

A de amar essa Constituição como objeto nosso, amamos nós mesmas. Amar e defendê-la.

Reler artigos assim:

Capítulo II parágrafo 7: "E' inviolável a liberdade de consciência e de crença", etc. Liberdade de consciência!

E no parágrafo II: "todos podem reunir-se sem armas, a policia não intervindo senão para assegurar a ordem pública". Assegurar... E lembramos o comício do Largo da Carioca, o comício da Praça do Expedicionário... Parágrafo 22: "Ninguém será preso sem o flagrante delito", etc... E aqueles inocentes presos porque vendiam um matutino?

E no Título V artigo 145. "A ordem econômica deve ser organizada, etc..." Parágrafo único: "A todos é assegurado trabalho..." Que ordem econômica está organizada? E o trabalho a quem é assegurado?

## MOMENTO Feminino

### EXPEDIENTE

Diretora:

ARCELINA MOCHEL

Gerente:

LUIZA REGIS BRAZ

Redação e Administração:  
RUA DO LAVRADIO, 55  
Sala 14 - Cx. Postal, 2013  
Rio de Janeiro

Número Avulso: Cr\$ 1,00  
Atraçado: Cr\$ 2,00

# Missa do Galo

Machado de Assis

Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta. Era noite de Natal. Havendo ajustado com um vizinho irmeos a missa do galo, preferi não dormir; combinei que eu iria acordá-lo à meia-noite.

A casa em que eu estava hospedado era a do escrívão Menezes, que fora casado, em primeiras núpcias, com uma de minhas primas. A segunda mulher, Conceição, e a mãe desta acolheram-me bem, quando vim de Mangaratiba para o Rio de Janeiro, meses antes, a estudar preparatórios. Vivia tranqüilo, naquela casa assobradada da rua do Senado, com os meus livros, poucas relações, alguns passeios. A família era pequena, o escrívão, a mulher, a sogra e duas escravas. Costumes velhos. As dez horas da noite toda a gente estava nos quartos; às dez e meia a casa dormia. Nunca tinha ido ao teatro, e mais de uma vez, ouvindo dizer ao Menezes que ia ao teatro, pedi-lhe que me levasse consigo. Nessas ocasiões, a sogra fazia uma careta, e as escravas rião à socapa; ele não respondia, vestia-se, saía e só tornava na manhã seguinte. Mais tarde é que eu soube que o teatro era um cufemismo em ação. Menezes trazia amores com uma senhora separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana. Conceição padecera, a princípio, com a existência da combrora; mas, afinal, resignára-se, acostumára-se, e acabou achando que era muito direito.

Bôa Conceição! Chamavam-lhe "santa", e fazia jús ao título, tão facilmente suportava os esquecimentos do marido. Em verdade, era um temperamento moderado, sem extremos, nem grandes lágrimas, nem grandes risos. No capítulo de que trato, dava para maometana; aceitaria um harém, com as aparências salvas. Deus me perdoe, se a julgo mal. Tudo nela era atenuado e passivo. O próprio rosto era mediano, nem bonito nem feio. Era o que chamamos uma pessoa simpática. Não dizia mal de ninguém, perdoava tudo. Não sabia odiar; pôde ser até que não soubesse amar.

Naquela noite de Natal foi o escrívão ao teatro. Era pelos anos de 1861 ou 1862. Eu devia estar em Mangaratiba, em férias; mas fiquei até o Natal para ver a "missa do galo na Corte". A família recolheu-se à hora do costume; eu meti-me na sala de frente, vestido e pronto. Daí passaria ao corredor da entrada e sairia sem acordar ninguém. Tinha três chaves a porta; uma estava com o escrívão, eu levaria outra, a terceira ficava em casa.

— Mas, Sr. Nogueira, que fará você todo esse tempo?  
— Leio, D. Ignácia.

Tinha como um romance, os "Três Mosqueteiros", velha tradução creio do "Jornal do Comércio". Sentei-me à mesa que havia no centro da sala, e à luz de um candieiro de querosene, enquanto a casa dormia, trepei ainda uma vez ao cavalo magro de D'Artagnan e fui-me às aventuras. Dentro em pouco estava completamente ébrio de Dumas. Os minutos voavam, ao contrário do que costumam fazer, quando são de espera; ouvi bater onze horas, mas quase sem dar por elas, um acaso. Entretanto, um pequeno rumor que ouvi dentro veio acordar-me da leitura. Eram uns passos no corredor que ia da sala de visitas à de jantar; levantei a cabeça; logo vi assomar à porta da sala o vulto de Conceição.

— Ainda não foi? perguntou ela.  
— Não fui; parece que ainda não é meia-noite.  
— Que paciência!

Conceição entrou na sala, arrastando as chinelinhas da alcova. Vestia um roupão branco, mal apanhado na cintura. Sendo magra, tinha um ar de visão romântica, não dispartada com o meu livro de aventuras. Fechei o livro; ela foi sentar-se na cadeira que ficava de frente de mim, perto do canapé. Como eu lhe perguntasse se a havia acordado, sem querer, fazendo barulho, respondeu com presteza:

— Não! qual! Acordei por acordar.

Fitei-a um pouco e duvidei da afirmativa. Os olhos não eram de pessoa que acabasse de dormir; parecia não ter ainda pegado no sono. Essa observação, porém, que valeria alguma coisa em outro espírito, depressa a botei fóra, sem advertir que talvez não dormisse justamente por minha causa, e mentisse para me não affligir ou aborrecer. Já disse que ela era bôa, muito bôa.

— Mas a hora já há de estar próxima, disse eu.

— Que paciência a sua de esperar acordado, enquanto o vizinho dorme! E esperar sózinho! Não tem medo de almas do outro mundo? Eu cuidei que se assustasse quando me viu.

— Quando ouvi passos estranhos; mas a senhora apareceu logo.

— Que é que estava lendo? Não diga, já sei, é o romance dos "Mosqueteiros".  
— Justamente: é muito bonito.  
— Gosta de romances?  
— Gosto.  
— Já leu a "Moreninha"?  
— Do Dr. Macedo? Tenho lá em Mangaratiba.  
— Eu gosto muito de romances, mas leio pouco, por falta de tempo. Que romances é que você tem lido?

Comecei por dizer-lhe os nomes de alguns. Conceição ouvia-me com a cabeça inclorada no espaldar, enfiando os olhos por entre as palpebras meio cerradas, sem os tirar de mim. De vez em quando passava a língua pelos beiços para humedecê-los. Quando acabei de falar, não me disse nada; ficou assim alguns segundos. Em seguida, vi-a endireitar a cabeça, cruzar os dedos e sobre eles pensar o queixo, tendo os cotovelos nos braços da cadeira, tudo sem desviar de mim os grandes olhos espertos.

— Talvez esteja aborrecida, pensei eu.  
E logo alio:  
— D. Conceição, creio que vão sendo horas, e eu...  
— Não, não, ainda é cedo. Vi agora mesmo o relógio; são onze e meia. Tem tempo. Você perdendo a noite, é capaz de não dormir de dia?  
— Já tenho feito isso.  
— Eu, não; perdendo uma noite, no outro dia estou que não posso, e, pela hora que seja, hei de passar pelo sono. Mas também estou ficando velha.  
— Que velha o quê, D. Conceição?

— Já sei o que é, D. Conceição. Já sei que você está ficando velha. De costume tinha os gestos delicados e as atitudes delicadas;

agora, porém, ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o de-alinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra embora, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custava levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite. Parava algumas vezes, examinando um trecho de cortina ou concertando a posição de algum objeto no aparador; afinal deteve-se, ante mim, ante mim, com a mesa de perneiro. Estreito era o círculo das suas idéias; tornou ao espanto de me ver acordado; eu repeti-lhe o que ela sabia, isto é, que nunca ouvira missa do galo na Corte, e não queria perdê-la.

— E a mesma missa da roça; todas as missas se parecem.  
— Acredito; mas aqui há de haver mais luxo e mais gente também. Olhe, a semana santa na Corte é mais bonita que na roça. S. João não digo, nem Santo Antonio...

Pouco a pouco, tinha-se inclinado; ficara os cotovelos no toamore da mesa e metera o rosto entre as mãos espal-



madas. Não estando abotoadas, as mangas caíram naturalmente, e eu vi-lhe metade dos braços muito claros, e menos magros do que se poderiam supor. A vista não era nova para mim, posto também não fosse comum; naquele momento, porém, a impressão foi grande. As veias eram tão azues, que apesar da pouca claridade, podia contá-las do meu lugar. A presença de Conceição despertára-me ainda mais que o livro. Continuei a dizer o que pensava das festas da roça e da cidade, e de outras coisas que me iam vindo à boca. Palavra emendando os assuntos sem saber porque, vadiando deles ou tornando aos primeiros, e rindo para fazê-la sorrir e ver-lhe os dentes que luziam de brancos, todos iguaisinhos. Os olhos dela não eram bem negros, mas escuros; o nariz, seco e longo, um lantinho curvo, dava-lhe ao rosto um ar interrogativo. Quando eu alteava um pouco a voz, ela reprimia-me:

— Mais baixo! mamãe pôde acordar.  
E não saía daquela posição, que me enchia de gosto tão perto ficavam as nossas caras. Realmente, não era preciso falar alto para ser ouvido; cochichávamos os dois, eu mais que ela, porque falava mais; ela, às vezes, ficava séria, muito séria, com a testa um pouco franzida. Afinal, cansou; trocou de atitude e de lugar. Deu volta à mesa e veio sentar-se de meu lado, no canapé. Voltei-me, e pude ver, a furto, o bico das chinelas; mas foi só o tempo que ela gastou em sentar-se, o roupão era comprido e cobriu-as logo. Recorde-me que eram pretas. Conceição disse baixinho:  
— Mamãe está longe, mas tem o sono muito leve; se acordasse agora, coitada, tão cedo não pegava no sono.

## O Coração, afinal

JOÃO FALCO

(Poetisa portuguesa)

Porque espreitais, lágrimas?  
Viciosas, importunas, tão furtivas e tão repetidas,  
Lendo, pensando... solícitas, solícitas!

Que é que se chora?  
Nada, nem se sabe.  
O que não foi e podia ter sido...  
O que foi sem ter sido...  
O impreciso, tudo e nada, tôda a vida!

Mas como caem elas?  
Se passam dos olhos rolam de repente, redondas,  
redondas, apressadas...  
E logo esquecem.  
Mal de esquecer, pior que o de lembrar.  
Anular!

O coração, afinal, não é mais que um bocado de terra ou de erva sempre a murchar e a rebentar.  
E nessa fadiga, nessa lida, se gasta, se empobrece, se inutiliza!

— Eu também sou assim.  
— O quê? perguntou ela inclinada o corpo para ouvir melhor.

Fui sentar-me na cadeira que ficava ao lado do canapé e repeti a palavra. Ri-se da coincidência; também ela tinha o sono leve; eramos três sonhos leves.

— Há ocasiões em que sou como mamãe; acordando, costumo a dormir outra vez, rólo na cama, a tôa, levando-me, acendo vela, passeio, torno a deitar-me e nada.

— Foi o que lhe aconteceu hoje.  
— Não, não, alalhou etc.

Não entendi a negativa; ela pôde ser que também não a entendesse. Pegou das pontas do cinto e bateu com elas sobre os joelhos, isto é, o joelho direito, porque acabava de cruzar as pernas. Depois referiu uma história de sonhos, e afirmou-me que só tivera um pesadelo, em criança. Quiz saber se eu os tinha. A conversa reatou-se assim lentamente, longamente, sem que eu desse pela hora nem pela missa. Quando eu acabava uma narração ou uma explicação, ela inventava outra pergunta ou outra maléria, e eu pegava novamente na palavra. De quando em quando, reprimia-me:

— Mais baixo, mais baixo...

Havia também umas pausas. Duas outras vezes, pareceu-me que a via dormir; mas os olhos, cerrados por um instante, abriam-se logo sem sono nem fadiga, como se ela os houvesse fechado para ver melhor. Uma dessas vezes creio que deu por mim embebido na sua pessoa, e lembrou-me que os tornou a fechar, não sei se apressada ou vagarosamente. Há impressões dessa noite, que me aparecem truncadas ou confusas. Contradigo-me, atrapalho-me. Uma das que eu ainda tenho frescas é que, em certa ocasião, ela, que era apenas simpática, ficou linda, ficou lindíssima. Estava de pé, os braços cruzados; eu, em respeito a ela, quiz levantar-me; não consentiu, poz uma das mãos no meu ombro, e obrigou-me a estar sentado. Cuidei que ia dizer alguma coisa; mas estremeceu, como se tivesse um arrepio de frio, voltou as costas e foi sentar-se na cadeira, onde me achára lendo. Daí relanceou a vista pelo espelho, que ficava por cima do canapé, falou de duas gravuras que pendiam da parede.

— Estes quadros estão ficando velhos. Já pedi a Chiquinho para comprar outros.

Chiquinho era o marido. Os quadros falavam do principal negócio deste homem. Um representava "Cleopatra"; não me recordei o assunto do outro, mas eram mulheres. Vulgares ambos; naquele tempo não me pareciam feios.

— São bonitos, disse eu.  
— Bonitos são; mas estão manchados. E depois francamente, eu preferia duas imagens, duas santas. Estas são mais próprias para sala de rapazes ou de barbeiro.

— De barbeiro? A senhora nunca foi a casa de barbeiro.  
— Mas imagino que os frequentes, enquanto esperam, falam de moças e namoros, e naturalmente o dono da casa alegre a vista deles com figuras bonitas. Em casa de família é que não acho próprio. E o que eu penso; mas eu penso muita coisa assim exquisita. Seja o que for, não gosto dos quadros. Eu tenho uma Nossa Senhora da Conceição, minha madrinha, muito bonita; mas é de escultura, não se pôde pôr na parede, nem eu quero. Está no meu oratório.

A idéa do oratório trouxe-me a da missa, lembrou-me que podia ser tarde e quiz dizê-lo. Penso que cheguei a abrir a boca, mas logo a fechei para ouvir o que ela contava, com doçura, com graça, com tal moleza que trazia preguiça à minha alma e fazia esquecer a missa e a igreja. Falava das suas devoções de menina e moça. Em seguida referia umas anedotas de baile, uns casos de passeio, reminiscências de Paquetá, tudo de mistura, quasi sem interrupção. Quando cançou do passado, falou do presente, dos negócios da casa, das canceiras de família, que lhe diziam ser muitas, antes de casar, mas não eram nada. Não me contou, mas eu sabia que casara aos vinte e sete anos.

Já agora não trocava de lugar, como a princípio, e quase não saía da mesma atitude. Não tinha os grandes olhos compridos, e entrou a olhar à tôa para as paredes.

— Precisamos mudar o papel da sala, disse daí a pouco, como se falasse consigo.

Concordei, para dizer alguma coisa, para sair da espécie de sono magnético, ou o que quer que era que me tolhia a língua e os sentidos. Queria e não queria acabar a conversação; fazia esforço para arredar os olhos dela, e arredava-os por um sentimento de respeito; mas a idéa de parecer que era aborrecimento, quando não era, levava-me os olhos outra vez para Conceição. A conversa ia morrendo. Na rua o silêncio era completo.

Chegamos a ficar por algum tempo, — não posso dizer quanto, — inteiramente calados. O rumor único e escasso, era um roer de camundongo no gabinete, que me acordou da espécie de sonolência; quis falar dele, mas não achei modo. Conceição parecia estar devaneando. Subitamente, ouvi uma pancada na janela, do lado de fóra, e uma voz que bradava: "Missa do galo! missa do galo!"

— Ai está o companheiro, disse ela levantando-se. Tem graça; você é que ficou de ir acordá-lo, ele é que vem acordar você. Vá, que não de ser horas; adeus.

— Já serão horas? perguntei.

— Naturalmente.

— Missa do galo! repetiram de fóra, batendo.

— Vá, vá, não se faça esperar. A culpa foi minha. Adeus; até amanhã.

E com o mesmo balanço do corpo, Conceição enfiou pelo corredor a dentro, pisando mansinho. Sai à rua e achei o vizinho que esperava. Guiamos daí para a igreja. Durante a missa, a figura de Conceição interpoz-se mais de uma vez, entre mim e o padre; fique isto à conta dos meus dezesseis anos.

Na manhã seguinte, ao almoço, falei da missa do galo e da gente que estava na igreja sem excitar a curiosidade de Conceição. Durante o dia, achei-a como sempre, natural, benigna, sem nada que fizesse lembrar a conversação da véspera. Pelo Ano-Bom fui para Mangaratiba. Quando tornei ao Rio de Janeiro, em março, o escrívão tinha morrido de apoplexia. Conceição morava no Engenho Novo, mas nem a visitei nem a encontrei. Ouvi mais tarde que casara com o escrevente juramentado do marido.



A MODA

## Modelos para você

Dois vestidos de meia-estação em pregas. As listras da manga para este outono. Mangas compridas, linhas retas. No vestido listrado a blusa é comprida e a saia

em pregas. As listras da saia são verticais para estabelecer contraste com as horizontais da blusa.

## HOTEL GRANJA ITATIAIA

(RECEM-INAUGURADO)

780 metros de alt. — Clima ótimo para repouso e week-end. Passeios aprazíveis, escalada às Agulhas Negras. Informações: Rua Washington Luiz, 32-2º Fone: 28-4295.

# MEDICINA E SAÚDE

CERTAS COISAS PRÁTICAS QUE VOCÊ, LEITORA DEVE SABER

Dra. ELINE MOCHEL MATOS

Em geral a jovem que vai ser mãe pela primeira vez põe em reboliço toda a casa quando anuncia que está sentindo «as dores».

O marido não sabe se chama o médico, se procura Casa de Saúde ou Hospital, ou se acode a esposa em dores; por sua vez a mãe, a irmã e demais parentes, se atrapalham, todos correm de um lado para o outro, lavam banheira, preparam as roupinhas e até chegam a arranjar os brinquedos. A impressão geral é de que o garoto vai nascer naquele momento, em 5 minutos. Nada disso. Não há razão para tanta afobação. Calma. O trabalho de parto normal dura de 8 a 12 horas. Portanto, há bastante tempo para arranjar as coisas direitinho. Não se impressionem com os gemidos, choros e gritos da futura mamãe. É natural. Está um pouco nervosa. O principal é saber que o guri não vai nascer nesses minutos de cólicas fortes: só mesmo dentro daquele prazo.

Não somos partidárias dos partos em casa. Achemos que numa maternidade a mulher está sempre mais protegida contra possíveis eventualidades. É claro que sabemos das dificuldades econômicas e dos problemas de casa que obrigam as mulheres pobres, principalmente, se arriscarem a ficar em casa e terem seus filhos até com as «curiosas». As maternidades são pouquíssimas e bem distantes das residências da maioria das parturientes. Casa de Saúde, só para rico.

Então, é o caso de vocês conversarem em conjunto sobre a necessidade de uma maternidade no seu bairro ou suburbio. Façam um memorial ao Prefeito apelando para os seus bons sentimentos de amigo do Povo. Lutem unidas que é bem fácil obterem o que desejam. Naturalmente que uma pequena maternidade perto de casa vem de encontro as necessidades de todas as mulheres pobres.

Os partos em residência por melhores que sejam, geralmente trazem uma rutura de perineo que pode ser pequena, mas pode ser bem grande e que nem sempre é logo costurada. Resultado: mais tarde terá que fazer uma operação. Depois, as condições de higiene são sempre descuidadas. Não é raro aparecer infecção puerperal. As hemorragias e a flebite também são constantes.

Casos mais graves podem surgir: uma criança em má posição, uma indicação para cesariana ou forceps que na maioria dos casos leva a parturiente ao hospital em estado grave e frequentemente, tarde para salvar a vida da criança e às vezes a própria vida.

As mães porém, inesperientes, se preocupam muito com o problema do leite. Muita gente pensa que logo após o parto o leite deve aparecer incontinentemente, grosso e bonito e logo o pimpolho vai mamar.

Não é assim. O leite aparece 24, 36 ou 48 horas depois do parto, é fraco, claro ligeiramente amarelado. Não adianta fazer massagens, tomar chás, caldos ou sopas. Com isso ou sem isso, o leite vem e se torna grosso, forte, bem branquinho. Isto é o normal.

A primeira mamada só deve ser dada 24 horas depois do parto e continuar dando de 3 em 3 horas. Se o garoto chorar muito, pode dar 2 ou 3 colheretes de chá, morno e ligeiramente aquecido.

Ao levar a criança ao seio para a primeira vez, deve exprimir algumas gotas de leite na sua boquinha e com paciência ir colocando o bico do seio na mesma para despertar a sucção. Basta ensinar uma vez. Na outra mamada ele suga direitinho.

Ignoro qual seja a orientação adotada pela comissão encarregada de elaborar as diretrizes e bases da educação nacional. Isso, porém, não impede que expendam o meu modo de encarar um assunto que deve constituir objeto das cogitações de todas as pessoas que se interessam pela coletividade.

Incontestavelmente a educação feminina constitui um problema dentro do problema geral da educação. É que sendo a mulher o principal instrumento educacional porque atua desde o berço sobre o ser humano, deve-se prestar à sua educação um interesse todo especial.

Justamente porque essa questão ainda não foi, entre nós, tomada no devido apreço, é que o Brasil se encontra na situação em que o vemos.

Em conferência recentemente realizada, tive oportunidade de defender a tese: «Todas as pátrias foram, são e serão o que foram, são e serão suas mulheres.» Não voltarei ao assunto, mas não me furtarei à obrigação de ressaltar a importância da educação feminina, da qual depende o desenvolvimento geral da civilização.

Aqui, como em tudo, deve-se partir da definição: — Educar é ensinar a viver. E é justamente o de que precisamos nossas patriotas. Educamo-las para a vida, para a realidade. Isto é, para plena satisfação das necessidades particulares e públicas. Desde o ensino primário, a educação feminina deve ser orientada nesse sentido.

Durante o curso secundário é que se poderá distinguir, normalmente, o rumo das vocações e então se imporá a especialização relativa; mas como o influxo das condições mesológicas norteiam desde cedo os destinos das criaturas que excepcionalmente não sobrepujam a cravelra comum, já o curso ginasial deve ser condicionado às inclinações vocacionais.

Assim é que se impõe a manutenção de dois cursos secundários — Um destinado à preparação para os candidatos às profissões liberais

ou artísticas e outro para os que se destinem aos ofícios práticos.

É grave erro descuidar o ensino secundário do artefício mas não menos prejudicial é dar-lhe a extensão exigida aos candidatos aos cursos acadêmicos.

Não há como negar a necessidade de reformar o chamado ensino técnico no sentido de assegurar aos que a ele se destinam uma cultura básica essencial sem prejuízo da aprendizagem da especialização eficiente que deve ser principalmente objetivada.

No que diz respeito particularmente à educação feminina, tenho como necessário que o curso secundário corresponda, primeiramente, às necessidades espirituais, materiais e sociais do sexo. Aqui como em qualquer outro problema educacional deve-se partir do princípio acima invocado.

Seja qual for a situação em que futuramente se encontrar as ginasianas, nunca deixará de ser mulher e por isso lhe caberá umas tantas obrigações na comunidade para o desempenho das quais deve ser educada. Nada mais natural, portanto, que se atenda a minha solicitação no sentido de que sejam incluídas no curso ginasial feminino e nos cursos técnicos as cadeiras de: «Elementos da Ciência da Nutrição.» «Puericultura», e «Socorros Urgentes».

Em matéria de educação o Estado é obrigado, sobre tu-

do, a facilitar a preparação para o fiel cumprimento das leis e se o parágrafo primeiro do art. 181 da Constituição dispõe que «As mulheres ficam isentas do serviço militar obrigatório, mas sujeitas aos encargos que a lei estabelecer» nada mais natural que, no futuro código do ensino, venha expressa a maneira pela qual as brasileiras possam se preparar para o cumprimento de seus deveres cívicos.

No estudo das disciplinas cuja inclusão pleiteio no currículo secundário e técnico, as moças brasileiras se habilitarão para colaborar no robustecimento das novas gerações e no serviço de saúde em caso de guerra.

No que diz respeito à educação técnica impõe-se uma revisão geral não somente no plano, como principalmente nos métodos e processos de ensino.

Os cursos mantidos pela Prefeitura devem ser completamente re-estruturados no sentido de se tornarem mais objetivos, visando, realmente, a preparação para o exercício de uma profissão técnica. Impõe-se a especialização na aprendizagem, não se justificando mais a obrigatoriedade da frequência a oficinas de várias especialidades. O ideal será que cada escola tenha a sua.

Sobre o ensino superior feminino nada há a dizer, pois os seus cursos devem ser comuns a ambos os sexos.

## PARA O SEU FILHO

Seu filhinho vai nascer e o enxoval está quase pronto. Falta, agora, fazer o cestinho em que ele vai dormir durante os primeiros meses de sua vida, até que chegue à idade de ir para a caminha de grades, que nem sempre se pode comprar logo de saída, pois o nascimento do bebê, com as despesas do parto, trazem sempre desequilíbrio no orçamento do casal. Vamos ensinar as mães o meio de arranjar um cestinho prático, bonito e barato para seu nenêzinho. Esses cestos têm, além disso, a facilidade de permitir que se carregue o bebê por todos os cantos da casa, facilitando à mamãe vigiá-lo enquanto se ocupa de suas obrigações, pois são cestos pequenos, leves, que se carregam sem cansaço até mesmo em baixo do braço. E, quando o bebê, com cinco ou seis meses, já não couber no cestinho, ele ainda servirá para guardar a roupinha, a lata do talco, a toalha de banho e os brinquedinhos.

Compra-se um cesto comum, de padeiro, ou, de preferência, podendo-se gastar mais um pouquinho, um cesto próprio para recém-nascido, que se encontra nas casas de móveis de vime.

Aconselhamos que se compre fazenda lavável, de algodão, de fundo azul, ou cor de rosa, com bolinhas brancas, são as que ficam mais gratiosas. Faz-se um colchãozinho do tamanho exato do fundo da cesta; o material a ser empregado deve ser, de preferência, palha, que fica mais macio, mas palha, e até mesmo capim bem limpo e secado ao sol também podem servir. Faz-se o colchão de pano resistente; com uma agulha grossa, de sapateiro, enfiada em barbante, dão-se pontos de um lado a outro, depois do colchão já cheio, arrematando-se com fortes nós, que devem distar uns dos outros cerca de um palmo, ou pouco menos. Achemos que bastam, em cada colchãozinho, seis a oito desses nós. Faz-se uma espécie de fronha com a fazenda que servirá para forrar o cestinho (a tal de bolinhas) e que se pode tirar para lavar com frequência. Aconselhamos que, sobre o colchão, isto é, entre o colchão e a fronha, introduzam um pedaço de oleado, do tamanho do colchão; ele evitará que o colchãozinho apodreça e impedirá qualquer mau cheiro, porque, evidentemente, ao contrário da fronha, o colchãozinho não pode ser lavado. Esse colchão, já enfiado na fronha, é colocado no fundo da cestinha. Corta-se uma tira reta da fazenda de bolinhas, da altura do lado da cesta, e do comprimento de cerca de dois metros (um metro de fazenda cortado ao meio, deverá chegar para isso, pois a fazenda tem de oitenta a noventa centímetros, e a altura dos lados do cesto não ultrapassa, em geral, quarenta centímetros). Franze-se e acima e em baixo. Na parte de baixo, prega-se com taxinhas ao fundo da cesta, em baixo do colchão. A de cima, cose-se com pontos largos, na beirada de vime da cesta. Prepara-se outro pano igual, da mesma largura e da mesma altura. Sobre-se esse pano com três babadinhos bem franzidos da fazenda, arrematados, na parte da bainha, que fica solta, com sinhaninha ou renda. A sinhaninha fica ainda mais bonita se for pregada por cima, com pontos de linha brilhante azul ou cor de rosa, em ponto de haste. Franze-se o pano, depois de prontos e pregados os babados, na parte exterior lateral do cesto, procedendo-se como ficou explicado acima. Arremata-se com um bonito laço de cetim azul ou cor de rosa, combinando com a cor da fazenda.

Se a cestinha for dessas que têm uma pequena capota de vime (v. modelo anexo), forra-se também a capota, com a fazenda bem franzida e um pouco frouxa, para permitir levantar e abaixar a capotinha. Essas últimas cestas são muito cómodas para o banho de sol do bebê, resguardando-o o rostinho e os olhos.

## Estatística do Casamento



Segundo o anuário do Departamento de Geografia e Estatística da Prefeitura de 1946, agora publicado (volume I), os casamentos se realizam em maior ou menor número segundo as profissões.

Assim de 1941 a 1945 não se registrou um só casamento em que o noivo fizesse parte do Corpo Diplomático.

Os construtores que deveriam ter facilidades para construir um lar, também não pensaram em casamento durante esse longo período. Apenas 1 casou em 1945. E tanta gente não casa por falta de habitação!

Os corretores, que pela sua profissão deveriam encontrar facilidades, quase não casam — 1 em 1945.

Os capitalistas também casam pouco — 3, 2 ou nenhum, por ano.

Casam em maior número, os comerciários, os operários, os funcionários públicos e os militares.

Em 1941 realizaram-se 9.563 casamentos, número esse que cresceu nos anos seguintes até 11.162 em 1945.

E' uma lição de números.

## Coisas que aconteceram...

(dos jornais)

### COROADA DE ÊXITO A CAMPANHA DE ALFABETIZAÇÃO

CIDADE DO MEXICO (APLA) — Por ocasião do terceiro aniversário da campanha nacional contra o analfabetismo, o Ministério da Educação Pública anunciou que o número de analfabetos diminuiu de um milhão, nesse lapso de tempo.

Atualmente, 30% da população, isto é, 6 milhões de pessoas cujas idades oscilam entre 6 e 40 anos permanecem analfabetos, quando há três anos essa percentagem era de 35%.

A vasta campanha de alfabetização popular se realizou através do estabelecimento de milhares de centros de educação por todo o país e foi levada a cabo de maneira intensiva entre as tribos indígenas, onde a percentagem de analfabetos é sumamente elevada.

### PROVAS ATLETICAS DOS SERVIÇOS AUXILIARES FEMININOS

LONDRES, (B. N. S. — O primeiro campeonato atlético feminino dos Serviços Auxiliares das Forças Armadas foi realizado no dia 3 de setembro no posto da RAF de Uxbridge.

No salto de altura, Margaret Ring, de 23 anos, representando o Serviço Auxiliar da Força Aérea Britânica de Ocupação, na Alemanha, atingiu 5 pés e 4. Margaret Ring fez seu treinamento no Estádio Olímpico de Berlim e os entendidos consideram-na uma séria concorrente para as próximas Olimpíadas, desde que continue seus treinamentos de maneira rigorosa.

Miss Billers, representante do Comando de Conservação, venceu a corrida de 60 jardas, em 7,2 segundos, assim como a corrida de 220 jardas e o salto de distância.

### HILDA CAMPOFIORITO E JOÃO FAYRIONI

Está obtendo um enorme sucesso em Buenos Aires a exposição coletiva de artistas brasileiros, organizada pelo sr. Biró na Galeria Muller.

Dentre os trinta e cinco artistas que lá figuram a crítica portenha destacada de forma bastante expressiva a qualidade dos trabalhos da pintora Hilda Campofiorito, e do pintor riograndense João Fayrioni, professor do Instituto de Belas Artes de Porto Alegre.

## HEROINAS BRASILEIRAS!

por Isaura Coelho

Ficava maravilhada, na minha infância, quando ouvia falar nas heroínas antigas e os seus famosos feitos muito me impressionavam.

Lêr a história dessas heroínas ou escuta-las dos lábios de meus professores constituía um dos meus melhores divertimentos. Os detalhes mais importantes, os fatos mais salientes e as passagens mais sensacionais permaneciam nitidamente em meu espírito, tomavam vulto na minha imaginação e, por vezes, chegava a desejar a sua sorte. Aliás, o desejo de imitar e muito comum às pessoas de pouca idade, mas, a minha admiração era realmente vultuosa.

Recordo-me do entusiasmo cívico de Maria Quitéria de Jesus Medeiros que envergando a farda do cunhado, assenta praça, toma parte ativa num batalhão de artilharia e, mais tarde, nos denominados Voluntários do Príncipe D. Pedro e luta pela independência do nosso país. Surgindo do interior da Bahia, dirigiu-se a Itaparica e outros pontos da costa de que os inimigos tentavam apoderar-se e, à frente de muitas senhoras baianas, conduziu-as à vitória.

Recebeu, além de outras homenagens, das mãos do próprio D. Pedro I, aqui no Rio, onde veio para trazer a notícia do embarque das últimas tropas portuguesas, a insignia de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro, que lhe garantia, ao mesmo tempo, as honras de alferes do Exército Nacional.

Lembro-me de outros nomes femininos famosos na nossa história. Entre esses: Maria Barbara, Ana Nery e Anita Garibaldi.

Anita Garibaldi que, além de enérgica e denodada patriota, salienta-se pelo seu amor e grande devotamento a seu esposo José Garibaldi — herói de duas pátrias. Filha de Santa Catarina, Anita torna-se notável pela sua atuação na defesa de Laguna. E, nessa guerra denominada dos "Farrapos", o seu patriotismo teve lances extraordinários.

E poderíamos evocar muitas outras heroínas dignas de louvor e merecedoras do nosso eterno culto e da nossa imitação.

Não devemos esquecer, porém, as heroínas anônimas que existem em todo o país e mesmo pertinho de nós. Mulheres que enfrentam corajosamente a desoladora situação atual, quando tudo é difícil, mesmo às pessoas de maiores recursos.

Mães de família, que vêm sendo obrigadas a entrar em várias filas, onde passam horas intermináveis, quase sem sobrar tempo para os seus afazeres imprescindíveis. Espôsas que, apesar da ingrata labuta a que se entregam diariamente, têm de conservar o seu bom humor e, infatigáveis, manter os braços sempre dispostos a afagar seus filhinhos e trazer os lábios num sorriso acolhedor, prontos a proferir palavras confortadoras ao esposo que volta do seu trabalho.

Mulheres de todas as idades que demonstram a sua decisão digna e patriótica como na Passeata Cívica contra a carestia e o câmbio negro, impedida pelo chefe de polícia, no dia 21 de julho passado, que se tornou a grande data da mulher carioca.

Mulheres que depois de oferecerem seus filhos, irmãos, noivos e espôsos para lutar na Itália, em prol da nossa liberdade e que, cheias de verdadeiro civismo, vão assistir o comício em comemoração à nossa participação na guerra contra o fascismo, comício que foi barbaramente dissolvido à bala pela polícia, sendo que muitas pessoas foram atingidas, naquele inesquecível 22 de agosto.

Heroínas cujo animo e intrepidez, já têm sido postos à prova várias vezes. Para estas, toda a nossa simpatia e todo o nosso apoio.

### LABORATÓRIO DE ANÁLISES E PESQUISAS-CLÍNICAS

RUA SANTA LUZIA, 305 - 10.º and. - salas 1013/1014

Exames de urina. Pús, Fôzes, Escaror, Líquor — Diagnóstico de gravidês — Vaginas — Diagnóstico sorológico da sífilis, cutreações — Tubagem Duodenal — Lavados Traqueo-brônquios.

Dr. EVALDO DE OLIVEIRA

Acadm. EVANDRO DE OLIVEIRA - GUSWEN REGIS BRAZ

Tec. OCTACILIO F. DE MELO

Das 8 às 11 e das 14 às 18 horas.

## FESTA DE SEPETIBA



5 DE OUTUBRO M.A.I.P.

INFORMAÇÕES:

Portaria da TRIBUNA POPULAR  
Av. Presidente Antonio Carlos, 207 - 13.º

Oficinas da TRIBUNA POPULAR  
Rua do Lavradio, 37

Redação d' A CLASSE OPERARIA  
Av. Rio Branco, 257-17.º-S/1711-12

Rua S. José, 93-1.º  
Sede do M. A. I. P.

### Dr. Urandolo Fonseca

CIRURGIA GERAL

Consultas diárias das 15 às 17 horas. — Tel. 25-4242

CASA DE SAÚDE SANTA MARIA

LARANJEIRAS, 72

## NOITE DA MULATA



MARIA APARECIDA MARQUES — Candidata ao título de "Rainha das Mulatas de 1947" pelo bairro da Tijuca. E' professora e pratica vários esportes. Na 1.ª apuração já realizada classificou-se em 1.º lugar

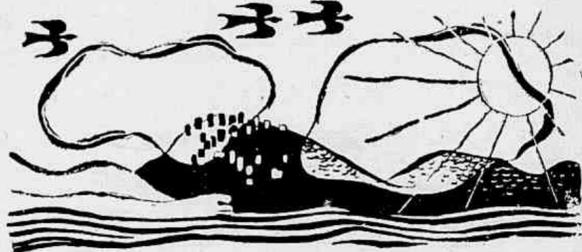
No dia 28 do corrente transcorre mais um aniversário da assinatura da Lei do Ventre Livre, data que se convencionou chamar de "Dia da Mãe Preta". A fim de comemorar o acontecimento, o Teatro Experimental do Negro tomou várias iniciativas, entre as quais figura o sensacional concurso para a escolha da mais bela mulata carioca, para o qual contou com o patrocínio de "Dietrizes", do "Trem da Alegria" e de "Mulher-Magazine".

A escolha definitiva e a coroação da "Rainha das Mulatas de 1947" terá lugar durante o grandioso "Baile das Mulatas" que se realizará nos amplos salões do High Life Club, gentilmente cedidos pela Empresa Pascoal Segreto. Esse baile vai ser uma festa diferente, que marcará um ponto alto na crônica artística e social da cidade. Vários artistas plásticos de renome se encarregaram de decorar o High Life: Santa Rosa, Quirino Campofiorito, Eros Gonçalves, Mendes, Magasawa, Castelo Branco, Anizio Medeiros, Bruno Giorgi, Iberê Camargo, e outros.

Passos e sua Orquestra estará presente, com a "crooner" Margalô Bruce, devendo-se realçar sobretudo a presença dessa original Orquestra Afro-Brasileira criada pelo maestro Abigail Moura. Macumbas autênticas, sambas, frevos, maracatús, enfim, um dilúvio de ritmos e de alegria que contagiara todas as classes sociais.

A aplaudida artista Pêrola Negra, o festejado tenor Moacyr Nascimento, o popular cantor Wilson de Andrade, e muitos outros nomes de "cartaz" integrarão o "big show" que significará assim como uma moldura de sons e melodias para o deslumbrante desfile das mais lindas "seretas" de bronze que possuímos.

Reserva de mesas e convites estão desde já à disposição dos interessados na bilheteria dos teatros: Carlos Gomes, Regina e Ginástico.



## PREFEITURA E A FAVELA DO JOQUEI

Eis um fato macreditável, parecendo mentira, mas verdadeiro. A Prefeitura resolveu despejar os moradores da favela do Jockey Clube, que estão sendo mudados para o Amorim.

E' evidentemente um fato novo, esse de tirar o direito de teto a casais sem filho, acarretando ainda, aos mesmos, um grande abatimento moral, um complexo de inferioridade pela ausência de prole, que constitui realmente felicidade em qualquer lar, por mais humilde que seja.

Os fatos podem ser contados assim: os moradores da favela do Jockey seriam transportados para umas casinhas improvisadas, de madeira, num terreno, em São Cristóvão. Depois passariam para outras casas de madeira, no Amorim.

A mudança está sendo feita. Oitenta famílias já foram transportadas. Entretanto, casais sem filho não serão alojados. Tem de sair do Jockey e que se arranjam. Essa é a ordem dos "chefes". A medida é tão injusta, que todos se levantam contra ela.

Não se compreende que casais, que construíram com sacrifício seus humildes barracos, os vejam derrubados, sem direito nem mesmo ao material, ficando ao relento, porque a Prefeitura lhes nega um pedaço de chão, em qualquer lugar, pelo simples fato, independente de sua vontade, "de não terem filhos".

Esquece-se a Municipalidade que esses moradores são operários, fizeram as suas benfeitorias e, além disso, têm direito a amparar suas cabeças debaixo de um humilde teto. Muitos trabalham ali mesmo na Gávea, ganham uma miséria e não podem pagar casa. E não há casas a alugar. Ao contrário, só em processos de despejo há cerca de 3.000 em curso no fóro local.

Para onde vão essas famílias? Não é possível tal desprezo aos moradores das favelas a ponto de obrigá-los a se retirarem de seus barracos, deixando-os sem teto, sem a menor providência nesse sentido. Nenhum encaminhamento para qualquer outro lugar.

# O ELEVADO SIGNIFICADO DE 18 DE SETEMBRO



## Mensagem às Mulheres

NA QUALIDADE DE REPRESENTANTES DO POVO CARIOCA, NÃO PODERIAMOS DEIXAR DE SAUDAR A NAÇÃO BRASILEIRA, NESTA GRANDIOSA DATA COMEMORATIVA DO 1.º ANIVERSÁRIO DA CARTA MAGNA. E O FAZEMOS, EM NOME DO POVO, ESPECIALMENTE DAS MULHERES, DE QUEM RECEBEMOS O MANDATO QUE COM HONRA E DIGNIDADE PROCURAMOS CUMPRIR.

HÁ UM ANO, PRECISAMENTE, O POVO CARIOCA PARTICIPAVA DA APOTEOSE EM FRENTE AO PALÁCIO TIRADENTES, QUANDO ERA PROMULGADA A CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA.

NÃO MENOS APOTEÓTICA PODERÁ SER A COMEMORAÇÃO DESTA DATA, QUANDO APÓS UM ANO DE TRABALHO O POVO BRASILEIRO VEM SENTINDO O VALOR DE UMA VIDA CONSTITUCIONAL.

SE É VERDADE QUE O RESPEITO À CONSTITUIÇÃO VEM SENDO INTERROMPIDO POR ATITUDES REPROVÁVEIS DE CERTOS ELEMENTOS DO ESTADO, TAMBÉM O É QUE CADA VEZ MAIS A POPULAÇÃO BRASILEIRA SE UNE EM TÓRNO DOS PRINCÍPIOS DEMOCRÁTICOS, PARA ASSEGURAR A EFETIVAÇÃO DO ESTATUTO NACIONAL.

DE NOSSA PARTE, OUTRO NÃO SERIA O NOSSO DEVER NESTA HORA, SENÃO O DE APELAR PARA A CONSCIÊNCIA DEMOCRÁTICA DO POVO BRASILEIRO, PARA QUE SE DESENVOLVA NO SENTIDO DE MANTER RESPEITADOS TODOS OS PRECEITOS DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL.

ELEVEMOS, BRASILEIROS, NOSSA COMPREENSAO POLITICA AO GRAO DE QUE SEM VIDA CONSTITUCIONAL, NENHUM POVO PODE TER ASSEGURADOS OS SEUS DIREITOS NO GÓSO DE SUA LIBERDADE.

RIO DE JANEIRO, 18 DE SETEMBRO DE 1947.

ARCELINA MOCHEL

LIGIA MARIA LESSA BASTOS

SAGRAMOR DE SCUVERO

ODILA SCHIMIDT.



Como em todo o país, festejamos ontem nesta capital a grande data do povo brasileiro — o 1.º aniversário da Constituição Federal.

Data que assinala uma grande vitória democrática, não poderia o nosso povo deixar de festejá-la como o fez, numa bela demonstração de civismo, trazendo para a rua o seu protesto pelos frequentes atos de desrespeito a preceitos desse estatuto básico, e a sua elevada confirmação de acatamento e zelo pela existência de nossa Carta Magna.

Nós, brasileiros democratas, que consideramos a Constituição uma parte de nossa vida de luta e de heroísmo, não poderíamos deixar de ressaltar o seu valor de segurança dos direitos individuais, da ordem econômica do país e da vida social.

Hoje, graças à compreensão do nosso povo e de suas melhores visões políticas, podemos afirmar que a Constituição de 1946, não terá o mesmo fim da de 1934, época em que a democracia não havia atingido o avanço já agora constatado.

Naquêle ano, os grandes vultos políticos nacionais, com raras exceções, capitularam ante as exigências das correntes fascistas de considerável influência na vida nacional de então.

Entretanto, em organização progressiva, o povo conquistou nova situação para o país, dando-lhe o seu justo caráter constitucional, embora o tenha conseguido com muito sacrifício.

Somos todos testemunhas, oculares mesmo, de quantas vezes têm si-

do violados vários preceitos da Carta Magna por agentes dos inimigos do povo, por esses maus elementos que ainda não foram arrancados dos

postos de governo. É impossível ante os crimes praticados contra a nossa gente, com flagrante

te violação da Constituição. Pelo contrário, à força da polícia, das bombas lacrimogêneas, das balas e cassetetes, sempre protestamos energicamente, restabelecendo a ordem, através seus apêlos à organização do nosso povo.

As mulheres não poderiam estar ausentes

às solenidades de ontem, pois não é menos o seu amor à Constituição, uma vez que por seu intermédio, terão as mulheres liberdade para se reunir, se organizar nas grandes lutas contra a carestia e pela solução dos seus problemas fundamentais. Assim, numa justa homenagem à Nação, as organizações femininas, participando das festividades nacionais, também reafirmaram corajosamente sua vontade de garantir e assegurar a vigência dos preceitos constitucionais, a fim de regerem com toda liberdade a vida do povo brasileiro.

Em toda a beleza das homenagens de ontem participou "MOMENTO FEMININO" que hoje, interpretando o pensamento democrático das mulheres cariocas transmite estas colunas um veemente apêlo à população feminina brasileira no sentido de reforçarem sua organização de cidade em cidade, de vila em vila, de bairro em bairro, porque com a união e colaboração das mulheres cresce a força de defesa dos direitos individuais e coletivos, previstos na Constituição.

E para que essa união seja real, as mulheres precisam de sobrepôr aos interesses pessoais e aos pequenos desentendimentos, o mais elevado e dignificante interesse da coletividade.

É a Nação que está exigindo de todas nós maior coesão, maiores empreendimentos em favor da marcha democrática e progressista de nossa pátria, na segurança do exercício de um poder que emanou do próprio povo.

Arcelina Mochel



Titulo VI — Capitulo — Artigo 164 da nossa Constituição :

«É obrigatória, em todo território nacional assistência à maternidade, à infância e à adolescência. A lei instituirá o amparo das famílias de prole numerosa.»

As crianças abandonadas são o espetáculo mais doloroso da cidade.

## Todo o apôio à Constituição

As organizações femininas constituem um dos maiores esteios da Constituição Federal.

As mulheres que zelam pelos seus direitos e por todas as garantias individuais, lutarão pelo respeito à nossa Carta Magna, atim de que se efetivem todos os preceitos nela instituídos a 18 de setembro de 1946.

SAIBAMOS DEFENDER O ARTIGO 141, § 5.º.

«É livre a manifestação do pensamento, sem que dependa de censura, salvo quanto a espetáculos e diversões públicas, respondendo cada um, nos casos e na forma que a lei preceituar, pelos abusos que cometer.»

ASSEGUREMOS A LIBERDADE DO § 12 DO ARTIGO 141.

«É garantida a liberdade de associação para fins lícitos. Nenhuma associação poderá ser compulsoriamente dissolvida senão em virtude de sentença judiciária.»

A DEFESA DA CONSTITUIÇÃO É A DEFESA DO LAR, CONFORME O § 15 DO ART. 141.

«A casa é o asilo inviolável do indivíduo. Ninguém poderá nela penetrar, à noite, sem consentimento do morador, a não ser para acudir a vítimas de crime ou desastre, nem durante o dia, fora dos casos e pela forma que a lei estabelecer.»

# ATIVIDADES femininas

## COMITÊ DE MULHERES PRO DEMOCRACIA

Teve lugar na sede do "Comitê de Mulheres Pro Democracia", na Avenida Rio Branco, Edifício Rio Branco, 7.º andar, às 20 horas do dia 15 do corrente, a solenidade de empossamento da nova diretoria dessa entidade e de comemoração, em conjunto com a "União da Mocidade Democrática", do primeiro aniversário da Constituição de 18 de setembro.

Numa sala decorada com painéis e faixas alusivos à grande efeméride de então, e, sob a presidência da dra. Maria Diana Martins Brito, decorreu a reunião num ambiente de vibratidade cívica, onde não se soube o que mais destacar, se o verbo inflamante dos oradores, aos quais se seguiram entusiasmados aplausos.

Após o empossamento dado pela presidente à nova diretoria assim constituída: Presidente — dra. Maria Diana Martins Brito; vice-presidente, dra. Guiomar F. de Mattos; secretária geral, Elza Loureiro; 1.ª secretária, Cristofana Xavier; 2.ª secretária, Zina Rothberg; 1.ª tesoureira, Otávia Dias Paredes; 2.ª tesoureira, Elizabeth Santos.

Usou da palavra a secretária geral do mandato anterior, sra. Emilie Kamprad, que em rápido relato expôs as atividades do Comitê na gestão recém-fimada.

Iniciando a celebração da data aniversária da Magna Carta de 18 de setembro de 1946, falou, pelo Comitê, a atual vice-presidente dra. Guiomar F. de Mattos, seguindo-se-lhe o orador da União da Mocidade Democrática, o jovem Moisés Meibos que, com raro brilho e civismo, disse da magnitude daquela comemoração. Pela Câmara Municipal expressou-se a vereadora Odila Michel Schmidt, que, de maneira positiva, fez sentir a necessidade de preservar-se a Constituição de atentados antidemocráticos. Seguiu-se na tribuna outro elemento da U.M.D. e ex-candidato a vereador pela U. D. N., acadêmico Lythson Byron, que ressaltou em palavras candentes o relevante significado daquele congregarmento entre as mulheres e os jovens democratas do país.

Com a palavra a sra. Vera Santana, filha do ilustre vice-presidente da Câmara Municipal, vereador dr. Tito Livio de Santana, e, também elemento de valor da U. M. D., expressou o júbilo que sentia naquela noite patriótica.

Após a leitura do programa das demais festividades a serem levadas a efeito pela U. M. D. em prosseguimento da "Semana da Constituição", a presidente encerrou a sessão, seguindo-se um brinde em honra à Grande Aniversariante.

NOTA — As notícias e a correspondência relativamente às organizações femininas deverão ser endereçadas a Maura de Sena Pereira — Caixa Postal 2013 — Rio.

## FESTA NA UNIÃO FEMININA DE MARECHAL HERMES

Realizou-se no dia 13 do corrente, à rua Banabui, 110, sede da União Feminina, uma interessante festa de regozijo pela instalação dessa organização de mulheres.

Grande número de moradores locais compareceu àquela festividade, que foi iniciada com um programa de calouros.

Um conjunto artístico de Anchieta levou a sua solidariedade à União Feminina, apresentando um programa variado de canções populares.

Usaram da palavra a senhora Joana Santos, presidente da U. F. M. H., e a vereadora Arcelina Michel, especialmente convidada.

Foi em seguida servida uma lãta mesa de doces finos e laranjada.

## UNIÃO DAS DONAS DE CASA DE ARAGAJÓ

Acabamos de ter conhecimento de que, a 9 de fevereiro deste ano, um grupo de mulheres sergipanas, corajosas e entusiastas, criou o movimento feminino nacional com uma nova organização: a União das Donas de Casa de Aracaju. Tendo por finalidade unir todas as mulheres em torno da grande luta pela solução dos seus próprios problemas, a entidade sergipana tem à sua frente as seguintes senhoras: Heloisa Oliveira — presidente; Maria Menezes Pinheiro — secretária geral; Floripes Santos — 1.ª secretária; Stela Gomes — 2.ª secretária; Maria Anterina Santos — tesoureira.

## DEPARTAMENTO MEDICO-JURIDICO NA UNIÃO FEMININA DE MADUREIRA

A senhora Irene Duarte, uma das dirigentes da União Feminina de Madureira, palestrou com a redatora de "Momento Feminino", sobre as finalidades e as tarefas daquela organização. Referindo-se à luta contra a carestia, que é a atividade precípua das Un. Femininas, fez justas considerações em torno do alto custo dos remédios e da assistência médica.

Não poderia a União Feminina de Madureira — explica a senhora Irene Duarte — esquecer esse aspecto da carestia, principalmente porque atua num bairro onde existe pouca saúde, poucos ambulatórios e... nenhum hospital. Assim, vamos inaugurar, no próximo dia 27, um Departamento Médico-Jurídico. As beneficiadas deverão ser sócias da União e com ela estar em dia, quer dizer, pagando, com pontualidade, a mensalidade médica estatuída.

A boa, a bela, a grande notícia — aqui fica, pois, com os nossos parabens a todas as associadas da União Feminina de Madureira.

## A CONSTITUIÇÃO DE 18 DE SETEMBRO E AS MULHERES ORGANIZADAS

As mulheres organizadas têm participado, ativamente, do regozijo público pela passagem

## 1.º ANIVERSÁRIO DA PROTAGONIA DA NOSSA CARTA MAGNA

Uma das celebrações mais tocantes foi a que ocorreu à rua Marquês de Abrantes, 114, sede de três Unões Femininas: Flamengo, Catete e Glória — Estafogo e Laranjeiras.

Tremulando à entrada, no pequeno jardim, uma grande faixa saudando a Constituição de 18 de setembro, contribuição da União Feminina do Flamengo, Catete e Glória, que colocou essa

homenagem como o ponto mais alto das comemorações do seu primeiro aniversário, compreendendo que a existência e o cumprimento de nossa Constituição democrática são a segurança de sua própria existência.

Falou, eloquentemente, no singular e expressivo ato, a professora Douzilha Costa.

## ASSOCIAÇÃO DEMOCRÁTICA FEMININA DE VITÓRIA

Lutando por um dia melhor para a coletividade brasileira, contra a carestia e pelo progresso das mulheres, a Associação Democrática Feminina de Vitória participou ativamente da Semana da Constituição, realizando palestras com a colaboração de diversos parlamentares e personalidades de relêvo da intelectualidade capixaba.

## GRAFOLOGIA

Altra revela a pessoa

Escreve-nos uma inteligente leitora, muito letrada e crescente na grafologia. Devo explicar que não nos pede um retrato grafológico, porque não perde tempo com tais coisas... Mas honrou-nos com sua atenção, para dizer que não acredita nos diagnósticos morais que vamos fazendo nesta secção de "MOMENTO FEMININO". Acaba dizendo-nos que isso tudo é rematada tolice que não lhe merece a menor atenção. Todavia, escreve-nos. E para isso, apenas: — confessar que ignora tudo a respeito dos estudos que homens eminentes no mundo científico levam a sério, perdendo tempo muito mais precioso talvez do que o perdido pela gentil missivista.

E para que não seja de todo nula a nossa palestra, vou aqui deixar algumas referências, do ponto de vista grafológico sobre a arte, que a graciosa amiguinha focalizou diretamente.

Sem dúvida, o senso estético, ou o gosto do belo, é uma resultante de todas as nossas faculdades superiores reunidas. Dentre as quais deve avultar, necessariamente, o sentimento, ou a emoção. Dessa harmonia, que depende da inteligência, decorre a atividade que é, afinal, a expressão ou o caráter da arte. A originalidade artística, se quisermos assim definir.

Se as produções artísticas consideradas como respostas às aspirações das massas populares, dão-nos uma idéia precisa do gosto na época em que surgiram. Não há realmente uma segurança absoluta nos sinais grafológicos sobre a arte, basta pensar um instante na inexgotável variedade das formas de arte, para sentir e compreender a fraqueza dos danos grafológicos que os manifestem distintamente. Mas se arte é uma resultante, e assim mesmo, dá cor, encanta, moraliza, não deixa de revestir a suprema beleza e a suprema excelência das aspirações humanas...

Uma letra ornamentada, pode revelar um a tendência artística, embora débil. A simetria na escrita já revela vulgaridade, efeito planificado, imaginação pobre, etc. etc.

Para terminar lembro a ilustre missivista que lhe reconheço indiscutivelmente o direito de descrever de nossa capacidade, mas contesto o direito de descrever na grafologia, descrever na grafologia. Afinal, podemos, deixar de ter confiança num médico, sem pretender derrogar o avanço e a eficiência da medicina. Não está de acordo?

MARSILIA, EVA, CLELIA, DIANA, SELENE — Repitam as consultas, utilizando papel sem pauta. Não é possível estudar eficientemente escritas feitas sobre pautas.

MORENA — Eis aqui uma criaturinha disciplinada e atenta ao cumprimento do dever. Muito delicada de sentimentos, sem sentimentalismo tolo. Vontade firme e bom senso rigoroso. Detesta a maledicência e todos os "passa-tempo" sem base útil e honesta. Parece ter uma grande tendência para a dança. Seu temperamento é harmonioso e sutil, embora também se envolva, não raro, em chamas ardentes e rubras de paixão e entusiasmo...

MAIRIM — Muito lhe agradeço a amável cartinha. E, especialmente, as boas palavras de simpatia e congratulações que dirige a "O MOMENTO FEMININO". Não esqueça de divulgar o nosso jornal entre as suas amigas. Lembrese de que ele representa o esforço de um pequeno grupo de abnegadas moças brasileiras desejosas do progresso mental, moral e material da mulher em nossa terra. Precisamos do apoio de todas as nossas leitoras, principalmente daquelas cuja inteligência concebe as linhas mestras gerais do grave problema feminino que vivemos nestes dias de filis, câmbio-negro, e outras "coisitas más..."

TIALU — Sua letra revela um temperamento excessivamente nervoso, incontrolável. Muito ardente e intransigente, você não reconhece em ninguém o direito de demovê-la de um ponto de vista qualquer. Se depois reconhece o erro, então culpa todo o mundo, por não ter tido o "poder" de dissuadi-la... É muito honesta e leal. Apesar das constantes crises que lhe modificam, temporariamente o ânimo. É muito confiante e ansiosa sempre por confidências. Não é muito boa para guardar segredos. E não é sabe, também, fazer economia...

CAUCHITA — Aqui temos uma mulher heroica. Do ponto de vista da independência de pensamento e de ação. Não dá confiança aos comentadores. Só atende aos seus próprios impulsos, e como tem uma grande força moral e um bom senso invulgar, sabe dar boas lições. É uma emocionada diante de todas as coisas belas da vida. Uma artista, afinal, profundamente sensível, seu coração é um arsenal de bondades (perdoe o contrasenso), mas penso que dizendo arsenal de bondades digo exatamente o que a sua letra revela: — você realiza prodígios sem sentimentalismos piegas, age diretamente como um tiro de canhão, focalizando em chelo o alvo. E realiza prodígios com essa arma "suígeneris"...

## A LETRA REVELA A PESSOA!

Peço um retrato grafológico

Nome .....
Pseudônimo .....
Inclusa uma página manuscrita em papel sem pauta.

Remeta para a Caixa Postal 2013, "MOMENTO FEMININO" — RIO DE JANEIRO —

Doenças das Senhoras e Senhoritas  
**DR. VICTOR HUGO**

Consultórios: Ed. Darke de Mattos  
RUA 13 DE MAIO, 23 - 17.º andar - Sala 1719 — Fone 42-9056  
RUA SÃO JOSÉ, 27 - sobr. — Tels. 42-5275 e 22-6461

**Dr. Francisco de Sá Pires**

DOCENTE DA UNIVERSIDADE  
Doenças nervosas e mentais — Rua do México, 41,  
Sala 806 — Diariamente — Fone 22-5954



## Casamento não é Emprêgo

NICE FIGUEIREDO

Lembram, as leitoras, de expressões como estas? "Fulana casou e está bem de vida". "Felizmente, Beltrana se arranjou, o marido não é rico, mas ganha bem".

Que significam elas? Significam, além de tudo o mais, que o casamento resolvera a situação econômica de A e B. Significam, que a mulher, que antes dependia do pai ou do irmão ou do cunhado, passava agora a ser sustentada pelo marido e, mais tarde, pelos filhos homens ou pelos futuros genros.

Pode parecer chocante tal afirmação, mas ela é, sem os mantos diáfanos de fantasia, a verdade.

Habituada como estava a mulher a depender do pai, nada mais aceitável que, procurando resolver seus problemas sentimentais e fisiológicos, também garantisse sua estabilidade econômica com o casamento. A idéia de que esses encargos financeiros deviam passar do pai para o marido estava então enraizada no conceito social e no espírito da mulher que não era mais discutida. Qual a consequência dessa situação? A dependência total da mulher ao homem e, sobretudo, a ausência de iniciativa da mulher para o trabalho, exceção feita da mulher pobre, nascida para pagar a abastada.

Veio o progresso, com ele as máquinas, e a mulher foi atraída para elas. Datam dessa época as primeiras conquistas e o início da libertação da mulher. A medida da personalidade da mulher começou, então, a ser tomada pelo trabalho que fazia e pela consequente independência financeira, única forma que encontrou para conquistar e garantir seus direitos. Perdura, no entanto, a concepção de que o casamento devia afastar a mulher do trabalho, uma vez que, o marido como o chefe da família, tinha o dever precípua de manter a esposa. Garantir a sua subsistência (muitas das vezes nem isso), mas perdia a mulher grande parte de suas conquistas.

Por isso, a diversidade flagrante entre a capacidade jurídica da mulher solteira e a da casada. A última era imposta toda a sorte de limitações, muitas das quais perduram hoje, pois que subsiste em parte essa aspiração de estabilidade e segurança no casamento, estabilidade e segurança que devem ser conseguidas pelo marido, tão somente.

O casamento estabelece uma sociedade entre marido e mulher, sociedade em que o marido tem proeminência decorrente exclusivamente do dever que lhe impõe a lei de prover a manutenção da família. Se a mulher pretende reivindicar muitas das prerrogativas até o momento atribuídas aos homens, se ela quer igualdade de direitos e de posição, tem de assumir a responsabilidade dos deveres. O que não é possível é dar mais vantagens à mulher se ela continua a ver no casamento a garantia da sua subsistência e da sua estabilidade. Os direitos da mulher só serão iguais aos dos homens na família, quando a mulher contribuir efetivamente para o sustento e manutenção do grupo que formou com o marido. Já há as que contribuem sem gozar os direitos correspondentes, mas é necessário engrossar essas fileiras para alcançar o fim desejado.

O casamento não pode mais ser encarado como solução dos problemas financeiros da mulher, porque casamento não é emprêgo e sim a união de duas pessoas que se dispõem lado a lado a lutar pela vida, cujo preço, caro como é, impele hoje todos ao trabalho, fonte de independência individual e de igualdade entre os homens.

### Aniversário

Transcorreu, sábado último, o aniversário da ilustre professora Esmeralda Zacaro, figura de destaque no nosso mundo feminino, motivo por que foram muitas as homenagens que recebeu dos seus alunos, amigas e colegas.

### DRA. ADALZIRA BITTENCOURT

ADVOGADA

RUA 13 DE MAIO, 23 — 18.º ANDAR

Salas 1804/6 — Fone: 32-6648

josamente me defendeste; e, aliás, não tenho medo de ninguém. Eu me escondia para chorar, e é só isso, porque não há nada mais tolo do que mostrar aos outros que a gente está sofrendo”.

— “Mas porque estás sofrendo tanto? Será por causa das maldades que te fizeram hoje? Tiveste um pouco de culpa; mas deves te consolar, e não cair noutra”.

— “Porque dizes que a culpa foi um pouco minha, Landry? Foi então um insulto que eu te fiz, desejando dansar contigo, e sou, então, a única rapariga que não tem direito de se divertir como as outras?”

— “Não é isso, Fadette; nem eu estou te censurando por teres querido dansar comigo. Fiz o que desejavas, e conduzi-me contigo como eu devia. Tua culpa é mais antiga que o dia de hoje, e se a tiveste, não foi contra mim, mas contra ti mesma, e bem sabes disso”.

— “Não, Landry. Tão certo como amo a Deus, não sei que culpa é essa; nunca pensei em mim mesma, e, se mereço censura em alguma coisa, é de lhe ter causado um aborrecimento contra minha vontade”.

— “Não falemos de mim, Fadette, eu não estou me queixando de nada. Falemos de ti, e já que não reconheces teus defeitos, queres que, de boa fé e com amizade eu te diga quais são os que tens?”

— “Sim, Landry, quero, sim, e considero isso a melhor recompensa ou o melhor castigo que me possas dar pelo bem ou pelo mal que eu te tenha feito”.

— “Pois bem! Françoise Fadet, já que falas de modo tão sensato, e que, pela primeira vez na tua vida, eu te vejo meiga e tratável, vou dizer-lhe porque é que não te respeitam como uma mocinha de dezesseis anos deveria poder exigir. E' que não tens nada de uma mocinha, e tudo de um rapaz, em teu aspecto e em tuas maneiras; é que não tomas cuidado com tua pessoa. Para começar, não tens o ar limpo e tratado, e tua roupa e tua linguagem te fazem parecer feia. Bem sabes que as crianças te chamam de um nome ainda mais desagradável do que o de grilinho. Êles muitas vezes te chamam de “machinho”. E então! Achas que é próprio, aos dezesseis anos, não parecer ainda uma menin? Trepas nas árvores como um verdadeiro gato do mato, e, quando estás numa égua, sem rédea nem selim, tu a fazer galopar como se o diabo a tivesse montado. E' bom ser forte e ágil; é bom, também, não ter medo de nada, e essas coisas são, para um homem, vantagens da natureza. Mas para uma mulher, o que é demais é demais, e ficas com um jeito de quem quer se exhibir. Por isso, reparam em ti, implicam contigo, e te enxotam como a um lobo. Tens espírito e respondes com piadas que fazem rir aqueles a quem elas não se dirigem. E' bom, ainda, ter mais espírito do que os

outros; mas, de tanto puxar por êle, arranjam-se inimigos. És curiosa, e, quando surpreendeste os segredos dos outros, lança-os em rosto, muito duramente, por qualquer queixa que tenhas. Isso faz com que te temam, e as pessoas temidas são detestadas; pagam-lhes com um mal maior do que o mal que êles fazem. Enfim, que sejas felizicira ou não, quero acreditar que tenhas certos conhecimentos, mas espero que não tenhas vendido aos espíritos máus; finges que sim, para assustar aqueles que te aborrecem, e é uma fama muita feia a que consegues com isso. És lódas as tuas culpas, Françoise Fadet, e é por causa dessas culpas, que as pessoas te perseguem. Rumina um pouco tudo isso, e hás de ver que, se quisesse ser como todo mundo, os outros acabariam te querendo bem pelo que tens, mais do que êles, na tua inteligência”.

— “Agradeço-te, Landry — disse a pequena Fadet com ar muito sério, após ter ouvido religiosamente suas palavras. — Disseste-me mais ou menos tudo o que os outros me censuram, e o disseste com muita delicadeza e paciência, que é o que os outros não têm quando me falam. Mas agora ( queres que eu te responda, e, para isso, queres sentar a meu lado um instantinho ?”

— “O lugar não é nada agradável” — disse Landry, que não tinha vontade de ficar muito tempo junto dela e que pensava ainda nos sortilégios que a acusavam de lançar sobre aqueles que não se acautelavam.

— “Não achas o lugar agradável, — replicou ela — porque os ricos são exigentes. Como os outros ricos, precisas de um bonito gramado para sentar ao ar livre, e podes escolher em teus prados e em teus jardins os melhores locais, numa boa sombra. Mas aqueles que nada possuem e que não pedem muito a Nosso Senhor, êsses se ajeitam com a primeira pedra que encontram para encostar a cabeça. Os espinhos não ferem seus pés, e, onde quer que se encontrem, observam tudo quanto é bonito e aprazível no céu e na terra. Não há lugares feios, Landry, para aqueles que conhecem a virtude e a doçura de tôdas as coisas que Deus criou. Eu, sem ser felizicira, sei para que servem tôdas as ervas que esmagas sob teus pés, e, quando conheço sua utilidade, olho para elas, e não desprezo nem seu cheiro nem seu aspecto. Digo-te isso, Landry, para te ensinar daqui a pouco uma outra coisa que se refere às almas cristãs tanto quanto às flores do jardim e aos cardos das pedreiras; é que muitas vezes a gente faz pouco daquilo que não parece bonito nem bom, e que, dessa forma, a gente se priva do que é benéfico e salutar”.

— “Não entendo bem o que queres dizer” — falou Landry, sentando-se a seu lado.

E ficaram um momento sem falar, porque o espírito da pequena

Fadette tinha voado para idéias que Landry não conhecia; e quanto a elle, embora sentisse certa confusão na cabeça, não podia deixar de sentir prazer em escutar aquella menina; porque nunca ouvira voz tão doce nem palavras tão bem ditas, quanto as palavras e a voz da pequena Fadette naquele momento.

— "Escuta, Landry — disse-lhe ella — mereço mais piedade do que censuras, e, se tenho culpas contra mim mesma, ao menos não cometi erros graves contra os outros; e, se pessoas fossem justas e sensatas, ellas prestariam mais attenção a meu bom coração do que ao meu rosto feio e ás minhas roupas mal feitas. Vê só, ou fica sabendo, se ainda não sabes, qual tem sido a minha sorte desde que vim ao mundo. Não te falarei mal de minha pobre mãe, que toda gente censura e insulta, embora ella não esteja aí para se defender, e sem que eu o possa fazer por ella, eu que não sei bem o que foi que ella fez de mal nem porque foi levada a fazê-lo. Pois bem. O mundo é tão ruim que, mal minha mãe me tinha abandonado, e quando eu ainda a chorava amargamente, á menor queixa que as outras crianças tinham contra mim, por um brinquedo, por um nada que elles teriam perdoado uns aos outros, elles me lançavam em rosto a culpa de minha mãe, e queriam obrigar-me a ter vergonha della. Talvez que em meu lugar, uma menina ajuizada, como dizes, se tivesse rebaixado em silêncio, pensando que era prudente abandonar a causa de sua mãe sempre minha mãe, e que ella seja o que quizerem, quer eu torne a encontrá-la quer nunca mais ouça falar em seu nome, hei de amá-la sempre com todas as forças do meu coração. Por isso, quando me chamam de filha da vagabunda e de vivandeira, eu fico enraivecida, não por minha causa: bem sei que isso não me pode ofender, porque não fiz nada de mal; mas por causa dessa pobre mulher querida, que tenho a obrigação de defender. E como eu não posso nem sei defendê-la, eu a vingoo, dizendo aos outros as verdades que merecem, e mostrando-lhes que não valem mais do que aquella a quem atiram pedras. Eis porque dizem que sou curiosa e insolente, e que surpreendo os segredos dos outros para divulgá-los. É verdade que Nosso Senhor me fez curiosa, se ser curiosa é de-sejar conhecer as coisas occultas. Mas, se tivessem sido bons e humanos para comigo, nunca eu teria pensado em contentar minha curiosidade á custa do próximo. Teria limitado meu divertimento nos conhecimentos que minha avó me ensina para a cura do corpo humano. As flores, as ervas, as pedras, as moscas, todos os segredos da natureza, isso seria bastante para me ocupar e me distrair, eu que gosto tanto de passear em todos os cantos e de remexer em tudo. Teria estado sempre sózinha, sem conhecer o tédio; porque meu maior prazer é ir aos lugares desertos e da

ficar divagando, sonhando com cinquenta coisas que eu nunca ouço na boca das pessoas que se julgam muito sensatas e de bom aviso. Se eu me deixei atrair pela companhia de meu próximo, foi pela vontade que eu tinha de prestar serviço com os conhecimentos que ia adquirindo e de que até minha avó tira proveito sem dizer nada. Pois bem! Em vez de receber a gratidão de todas as crianças de minha idade de quem eu curava os ferimentos e as doenças, e a quem eu ensinava remédios sem nunca pedir recompensa, fui tratada de feiticeira, e aqueles que vinham mansuetamente me pedir favores quando precisavam de mim, mais tarde me diziam desaforos na primeira ocasião.

Isso me enraivecia, e eu teria podido prejudicá-los, porque, se sei de coisas que fazem bem, também sei de outras que fazem mal; e, no entanto, nunca fiz uso delas; não conheço o rancor, e, se me vingou em palavras, é porque me sinto aliviada de dizer logo o que me vem na ponta da língua, e depois nem penso mais nisso, e perdoo, como Deus manda. Quanto ao fato de não tomar cuidado com minha pessoa nem com meus modos, isso prova que não sou tão doída que me julgue bonita, pois sei que sou tão feia que ninguém pode olhar para mim. Já me disseram isso tantas vezes, que não posso deixar de sabê-lo. E, vendo como as pessoas são duras e desprezivas para com aqueles que Deus aquinhoou mal, sinto prazer em lhes desagradar, consolando-me com a idéia de que meu rosto nada tem de repulsiivo para Nosso Senhor e para meu anjo da guarda, que não me culpam disso, como eu também não os culpo. Também, eu não sou como êsses que dizem: — "Olha uma lagarta, que bicho feio! Ah! Como é feia! E' preciso matá-la!". Eu, não. Não esmago a pobre criaturinha de Nosso Senhor, e se a lagarta cai nágua, eu lhe estendo uma folha para salvá-la. E por causa disso pizem que eu gosto dos bichos máus e que sou uma bruxa, porque não gosto de torturar uma rã, de arrancar as patas de uma vespa, de espetar numa árvore, com pregos, um morecê vivo. Pobre bichinho! — é o que eu lhes digo. — Se se deve matar tudo o que é feio, eu não teria, mais do que tu, o direito de viver.

## XIX

Landry ficou emocionado pela maneira humilde e tranquila com que a pequena Fadette falava de sua fealdade, e, lembrando seu rosto, que não podia ver na escurelão da pedreira, disse sem pensar em gabá-la.

— "Mas, Fadette, não és tão feia quanto imaginas ou pretendes

dizer. Há outras muito mais desfavorecidas do que tu, e ninguém as censura por isso”.

— “Que eu o seja um pouco mais ou um pouco menos, o fato é que não podes dizer, Landry, que eu seja uma bonita moça. Vamos, não proeures consolar-me, porque isso não me causa desgosto”.

— “Ora! Quem sabe como serias se andasses vestida e penteada feito as outras? Há uma coisa que todo mundo diz: é que, se não tivesses o nariz tão curto, a boca tão grande e a pele tão escura, não serias feia; pois dizem também que, em tôda esta região, não existe um par de olhos como os teus, e se não tivesses o olhar tão ousado e zombeteiro, haveria quem gostasse de ser bem visto por êsses olhos”.

Landry falava sem ter plena consciência do que estava dizendo. Ia se lembrando dos defeitos e das qualidades da pequena Fadette; e, pela primeira vez, prestava a essas coisas uma atenção e um interesse de que não se julgaria capaz um momento antes. Ela o notou, mas não o deixou parecer, sendo inteligente demais para levar aquilo a sério.

— “Meus olhos vêem bem o que é bom — disse ela — e com pena o que não é. Assim, consolo-me facilmente por desagradar àqueles que não me agradam, e não compreendo por que tôdas essas moças bonitas, que eu vejo cortejadas, se mostram tão faceiras com todo mundo, como se todo mundo fosse do gosto delas. Quanto a mim, se eu fosse bonita, só queria parecer assim e me tornar amável para com aquele que eu tivesse escolhido”.

Landry pensou em Madelon, mas a pequena Fadette não o deixou deter-se nessa idéia, pois continuou falando o seguinte:

— “Eis, pois, Landry, tôda a minha culpa contra os outros: é de mendigar pena ou indulgência para minha fealdade. E' de me mostrar a todos sem nenhum enfeite para me disfarçar, e isso os ofende e lhes faz esquecer que eu muitas vezes lhe fiz bem, e nunca o mal. Por outro lado, mesmo que eu cuidasse de minha pessoa, de onde iria tirar meios para me enfeitar? Por acaso já mendiguei algum dia, embora não tenha de meu um vintém sequer? Minha avó me dá seja o que fôr, fora o teto e a comida? E se eu não sei aproveitar como devo os pobres trapos que minha pobre mãe me deixou, é culpa minha, quando ninguém me ensinou e que, desde a idade de dez anos, vivo abandonada, sem amor nem mercê de ninguém? Bem sei a censura que me fazem, e que tiveste a caridade de me poupar: dizem que eu tenho dezesseis anos, e que poderia muito bem me empregar, e que então teria um salário e meios de me sustentar; mas que o amor da preguiça e da vadiação me prende

junto a minha avó, que, no entanto, não gosta de mim e tem bastantes recursos para tomar uma criada”.

— “Pois bem, Fadette, não é verdade isso? — disse Landry. — Censuram-te de não gostar do trabalho, e tua própria avó diz a quem ouvir que seria vantajoso para ela tomar uma criada em teu lugar”.

— “Minha avó fala assim porque gosta de resmungar e se queixar. E, no entanto, quando eu falo em deixá-la, ela me retém, porque bem sabe que eu lhe sou muito mais útil do que ela quer dizer. Ela já não tem nem os olhos nem as pernas dos quinze anos para descobrir as ervas de que faz beberagens e pós, e há algumas que é preciso ir procurar muito longe e em lugares muito difíceis. Aliás, como já te contei, eu próprio encontro nas ervas virtudes que ela não lhes conhece. Ela mesma se espanta quando eu faço drogas de que ela depois verifica os bons resultados. Quanto aos nossos bichos, são tão bonitos que toda gente se surpreende de ver tal rebanho pertencendo a pessoas tão pobres que não possuem um pasto e utilizam a pastagem comunal. Pois bem! Minha avó sabe a quem deve ovelhas com tão boa lã e cabras com tão bom leite. Acredita: ela não tem vontade de que eu a deixe, e eu lhe dou mais proveitos do que despêsa. E eu gosto de minha avó, embora ela me maltrate e me prive de tudo. Mas ainda tenho outra razão para não deixar minha avó, e se quiseres, Landry, eu te digo qual é”.

— “Pois bem, diz que razão é essa” — respondeu Landry, que não se cansava de ouvir a pequena Fadette.

— “É que minha mãe deixou nos seus braços, quando eu tinha apenas dez anos, uma pobre criancinha muito feia, tão feia quanto eu, e ainda mais infeliz, porque é aleijado de nascença, raquítico, doentio, tórto, e sofrendo sempre, coitadinho! E todo mundo impica com êle, persegue-o, enxota-o e humilha-o, meu pobre sallãozinho! Minha avó trata-o com rudeza e o espancaria demais se eu não o defendesse contra ela, fingindo surrá-lo em seu lugar. Mas tenho sempre o cuidado de não esquecer o lugar, e êle bem o sabe, o esperlinho! Por isso, quando das qualquer lalice, êle corre para se esconder nãs minhas saias, e me diz: — “Bate em mim depressa, antes que minha avó me agarre!” — E eu finjo bater, o espetalhão grita para fingir. E não é só isso. Cuido d'êlo; nem sempre posso impedir que êle ande em sacrapos, pobrezinho, mas quando arranjo qualquer trapo, faço uma roupinha para êle, e trato d'êle quando está doente, pois minha avó o deixaria morrer, porque ela não sabe tratar de crianças. Enfim, eu o conservo para a vida, aquele magricelinho, que, sem mim, seria muito infeliz e não

tardaria a ir para baixo da terra, ao lado de nosso pai, a quem não pude impedir que morresse. Não sei se é um benefício que eu estou prestando ao coitado, fazendo-o viver lórtio e feioso como ele é; mais é mais forte do que minha vontade, Landry, e quando penso em arranjar emprégo, para ter algum dinheirinho e sair da miséria em que estou, meu coração estala de pena, e me censura, como se eu o viesse morrer por minha culpa. Eis tôdas as minhas faltas e todos os meus peccados, Landry. Agora, que Nosso Senhor me julgue; quanto a mim, perdão àqueles que me caluniam”.

## XX

Landry continuava a escutar a pequena Fadette com grande contenção de espírito, e sem descobrir objecções a qualquer dos motivos que ia narrando. Em último lugar, a maneira como falou do irmãozinho, do saltão, lhe causou a impressão repentina de sentir amizade por ela, e de querer estar a seu lado contra todo mundo.

— “Desta vez, Fadette — disse elle — aquelle que não te der razão seria o primeiro a não ter razão; porque tudo quanto acabas de dizer foi muito bem dito, e ninguém suporia que tens tão bom coração e tão boa cabeça. Porque não te mostras como és? não falaria mal de ti, e muitos te fariam justiça”.

— “Eu já te disse, Landry — respondeu ella. — Não tenho necessidade de agradar a quem não me agrada”.

— “Mas se estás me contando, isso então quer dizer que...”

E, com isso, Landry se interrompeu, muito espantado do que quase tinha dito; e, reprimindo-se, continuou:

— Quer dizer que tens mais estima por mim do que por um outro? Entretanto, eu acreditava que me odiasses por eu nunca ter sido bom para ti”.

— “Pode ser que eu te tenha odiado um pouco; mas, se já foi assim, nunca mais o será a partir de hoje, e vou dizer porque, Landry — respondeu a pequena Fadette. — Eu te julgava orgulhoso, e na realidade o és; mas sabes dominar teu orgulho para cumprir teu dever, e tens mais mercacimento nisso. Eu te julgava ingrato, e, embora a altivez que te ensinaram te arraste a isso, és fiel à tua palavra e nada te custa para bem desempenhá-la; finalmente, eu te julgava poltrão, e por isso foi levada a te desprezar, mas vejo que o que tens é apenas superstição, e que a coragem, quando se trata de um perigo certo a enfrentar, não te faz falta. Dançaste comigo hoje, embora te sentisses

humilhado. Chegaste mesmo a ir me buscar, em frente à igreja, depois das vésperas, no momento em que eu te havia perdoado no fundo de meu coração, após ter feito minhas orações e em que já não pensava mais em te atormentar. Defendeste-me contra as crianças malvadas, e provocaste os rapazes crescidos, que, se não fosses tu, me teriam maltratado. E, afinal, esta noite, quando me ouviste chorar, vieste a mim para me assistir e consolar. Não creias, Landry, que eu jamais esqueça essas coisas. Hás de ter, a vida inteira, a prova de que guardarei uma grande recordação de tudo isso, e poderás, por tua vez, pedir-me o que quiseres, em qualquer momento que seja. Assim, para começar, sei que hoje te causei um grande desgosto. Sim, eu o sei, Landry, sou bastante feiticeira para o ter adivinhado, embora, ainda esta manhã, nem deseonfiasso da história. Acredita, acredita, Landry, que eu sou mais implicante do que propriamente má, e que, se eu soubesse que estavas apaixonado por Madelon, não te teria feito brigar com ela, como fiz, obrigando-te a dansar comigo. Confesso que me divertia ver que, para dansar com uma feiosa como eu, deixavas de lado uma moça bonita; mas eu pensava que se tratava apenas de um espetadela em teu amor-próprio. Quando compreendi, pouco a pouco, que era um verdadeiro ferimento no teu coração, e que, mesmo sem querer, olhavas todo tempo para Madelon, e que o despeito em que ela estava te dava vontade de chorar, eu também chorei; foi mesmo! Chorei no momento em que quiseste lutar com os apaixonados dela, e julgaste que eram lágrimas de arrependimento. Eis porque eu ainda estava chorando tão amargamente quando me surpreendeste aqui, e eis porque eu hei de chorar até o instante em que tiver reparado o mal que causei a um bom e valente rapaz, como agora reconheço que és”.

— “Mas, mesmo supondo, minha pobre Fadette — disse Landry, muito emocionado com as lágrimas que ela tornava a derramar — mesmo supondo que tivesses provocado uma zanga minha com uma rapariga por quem, como dizes, eu estivesse apaixonado, que poderias fazer para nos reconciliar?”

— “Confia em mim, Landry — respondeu a pequena Fadette. Não sou tão tola que não saiba explicar-me como devo. Madelon não de saber que toda a culpa foi minha. Vou me confessar a ela, e vou te deixar branco como a neve. Se não te substituir a amizade amada, é porque ela nunca te amou, e...”

— “É que eu não devo senão a falta dela, Fadette; e como ela nunca me amou, de fato, terias um trabalho inútil. Não o faças, por-

# COZINHA

## PUDIM DE GALINHA

Prepare uma galinha bem gorda e tempere bem. Depois de cozida tire dos ossos, corte em pedaços pequenos, junte o molho e mais: 1 pão de 1/2 quilo amolecido no leite e passado numa peneira, 1 lata de «petit pois», 1 cebola ralada, 5 ovos batidos, cheiro picadinho, 1 pires de queijo ralado e 2 colheres de sopa de farinha de trigo. Misture tudo e numa forma lisa untada com manteiga a massa vai ao forno para assar.

Tire da forma depois de pronto num prato redondo e sirva quente.

## PUDIM DE CAMARÃO

Descasque 1 quilo de camarões frescos e leve-os ao fogo num refogado com tomate, manteiga, cheiro, pimenta do reino e 1/2 quilo de pão molhado no leite e passado na peneira. Em seguida separe alguns camarões maiores e junte, fora do fogo, 5 ovos batidos, 1 pires grande de queijo ralado, 3 colheres de farinha de trigo, batendo bem a massa com um socador.

A massa vai ao forno em forma lisa untada com manteiga. O prato é servido quente e quando tirar o pudim da forma cubra-o com o molho separado e os camarões grandes. Enfeite o prato com folhas de alface e salsa.

## PUDIM DE REPOLHO

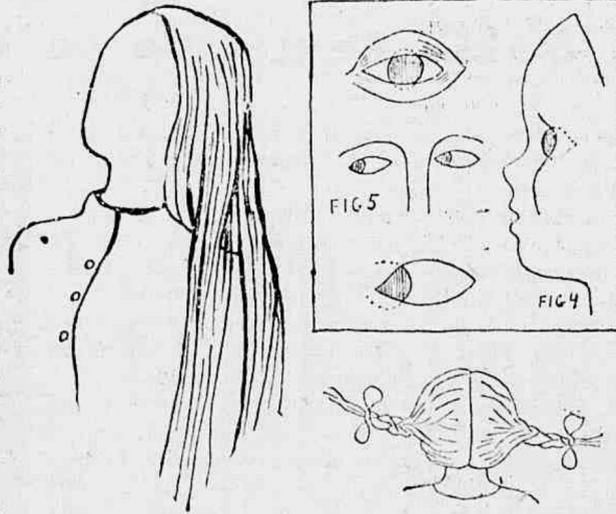
Pese 1 quilo de carne de porco magra, passe na máquina de moer carne e refogue bem com bastante tempero, pimenta do reino, pimenta verde e cheiro. Corte o repolho fino e fervente com sal. Escorra a água e junte à carne, algumas conservas, 4 ovos batidos, 3 colheres de farinha de trigo, um pouco de azeitonas.

Despeje a massa depois de bem batida numa forma untada com manteiga e farinha de rosca que vai ao forno para assar. Sirva-se quente cobrindo o pudim com queijo ralado e enfeitando o prato com salsa, fatias de ovos cozidos e azeitonas.

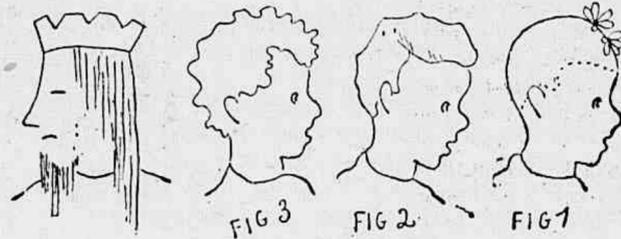
(Especialidades de Maria Osoria Rangel Anchieta)

# Teatro de Fantoches

MARIETA JACQUES



Hoje vamos ensinar a fazer as cabeleiras para os bonecos. Podemos fazê-las em seda (em meada ou novelo) rafia, veludo, astracã, froco, tecidos feipudos, fazenda desfiada e franjas. A cabeleira da fig. 2 é muito fácil e ligeira de se fazer. Com uns pedacinhos de veludo ou outro qualquer tecido vai-se colando (com cola de marceneiro) formando assim o penteado e seguindo o desenho do mesmo. A cabeleira da fig. 3 é mais trabalhosa, mas com um pouco de paciência, faremos uma linda cabeleira encaracolada. Cortam-se pedaços de lã (pluma) com 18 cm. de comprimento e faz-se umas rosetas com quatro alças e vai-se colando uma junto da outra (ver fig. 1).



formando o penteado, do mesmo modo como já ensinamos para a figura 2. Os cabelos soltos e os penteados com tranças, faz-se com seda em meada, rafia, franjas, fazenda desfiada, etc., a seda em meada é a matéria que mais se presta para uma bonita cabeleira comprida devido a sua flexibilidade e brilho. Na fig. 4, mostramos como se faz olhos com botões. Na fig. 5, os olhos são feitos com lantejoulas. A linha pontilhada indica que neste ponto o botão ou a lantejola ficam enfiadas na massa. Os olhos são colocados quando se está modelando a cabeça do fantoche. No outro número ensinaremos a fazer o corpo dos bonecos.

## Dr. Linandro Dias

Doenças internas — Tuberculose

Radiologia pulmonar

Consultório: Av. Rio Branco, 257 - 18º and. Saia 1801.  
Das 14 às 18 horas, às terças, quintas e sábados.  
Telefone: 42-4443

Residência: — Rua Amoroso Costa, 91 — Tijuca  
Telefone: 38-6837

## Curso de corte, costura e trabalhos manuais de "Momento Feminino"

PREÇO POPULAR

Curso noturno para operárias e empregadas domésticas a Cr\$ 10,00 mensal

Tratar com Julienne

De 9 às 13 horas

RUA ANITA GARIBALDI, 5 - Copacabana

ASSINE A

# Tribuna POPULAR

SR. GERENTE DA TRIBUNA POPULAR  
Avenida Presidente Antonio Carlos, 207 - 13.º - Rio de Janeiro  
Anexo um (vale postal ou cheque pagável no Rio de Janeiro à "TRIBUNA POPULAR"), na importância de Cr\$ (120,00 ou 70,00) para uma assinatura por (1 ano ou 6 meses) da "TRIBUNA POPULAR".

Nome ..... Endereço .....  
Município ..... Estado .....

# LIVROS

## É PRECISO CONHECER ONDINA FERREIRA

Meu encontro com Ondina Ferreira foi todo casual. Perguntei na Livraria Civilização Brasileira se aparecera neste dia algum livro de mulher. Entregaram-me "Vento de Esperança". O título não me agradou. Mas devo a Ondina Ferreira um entusiasmo comovido e uma grande surpresa. Eis uma grande romancista.

Ondina Ferreira é paulista e tem dois livros premiados "Ele te dominará" menção honrosa da Academia Paulista de Letras, em 1944 e "Inquietação" prêmio Alcântara Machado da mesma Academia em 1945.

A leitura de "Vento de Esperança" deu-me tal vontade de admirar essa mulher que puz-me a procurar entre os amigos quem a conhecia. "Você já leu Ondina Ferreira? Não; este não lera, aquele não conhecia. Só Drummond afirmou: Dizem que é uma boa romancista.

Voltei à Civilização Brasileira e requisitei outro livro dela: "Ele te dominará..." Novo encantamento. No rol pequeno e bom das nossas escritoras Ondina tem um lugar de realce. Ela é romancista. Boa romancista. Seus romances são de tese. Mas só se sente a intenção depois de ter vivido profundamente a vida de seus personagens.

Todos os problemas sociais preocupam a romancista e ela os analisa sem tom panfletário ou dogmático. Não faz literatura de propaganda. Faz vida e com ela propaga. Escrevendo sobre Zola disse Barbusse:

"Pintar a realidade é compreender, é ter consciência do efervescimento contemporâneo. Essa realidade não se compõe unicamente do indivíduo fechado em seu individualismo é também composta pela massa... Ela (a realidade) está condicionada não somente pelas leis que regem os conjuntos... pelo mecanismo social, a distribuição realista da humanista no universo".

Esse o caráter da obra de Ondina: a pintura da realidade. E nessa realidade a mulher, sua escravidão, seus problemas, sua angústia, seus afetos e desejos. Seus tipos, femininos somos todos nós. E em todos encontramos esta amiga, aquela conhecida.

Em "Ele te dominará" (livro de 1944) sente-se ainda na romancista a preocupação literária e ingênua da frase. Já no "Vento de Esperança" Ondina é mais precisa e sente-se vencida a etapa da frase pra encher, da frase pra soar bem...

Um crítico literário muito ranheta acharia que a romancista abusa de citações literárias em seu último livro. Seria contestável a crítica. Trata-se do diário de uma mulher cheia de leituras e com uma sede enorme de saber. Está claro que "Vento de Esperança" é melhor cuidado, mais firme, mais maduro. Ondina acertou o tempo...

Não fosse tão pequeno o espaço para esta crônica eu transcreveria diálogos de "Ele te dominará" ou trechos do "Vento de Esperança". Mas o bom seria que as nossas amigas lessem esses livros. Os problemas da mulher estão todos debatidos pela romancista com clareza e precisão. É preciso conhecer Ondina Ferreira. Eis uma romancista consciente do papel da literatura no mundo atual.

# "A MANHA"

ÓRGÃO DE ATAQUES... DE RISO

É o maior quinta-ferino do mundo

HELIO WALCACER

Advogado

R. 1.º de Março, 6 - 4º And.  
Sala 4 -- Telefone: 43-3505

...Alfabetizar é um dever de todo brasileiro que sabe ler. Alfabetizar adultos é olhar para o povo e prepará-lo para um futuro melhor.

DR. LUÍS WERNECK DE CASTRO

Rua do Carmo, 49 - 2.º - S. 25.  
Diariamente, das 12 às 13 e 16 às 18 horas. Exceto aos sábados. — Fone 23-1064

## ASSINE

MOMENTO FEMININO

3 meses... 12,00  
6 meses... 22,00  
12 meses... 40,00

Faça os seus pedidos para a Gerente na Redação  
R. DO LAVRADIO, 55 - s. 14  
RIO DE JANEIRO

A Prefeitura cobra 60% de imposto dos gêneros de 1.ª necessidade

## TRATAMENTO DO CASAL ESTÉRIL

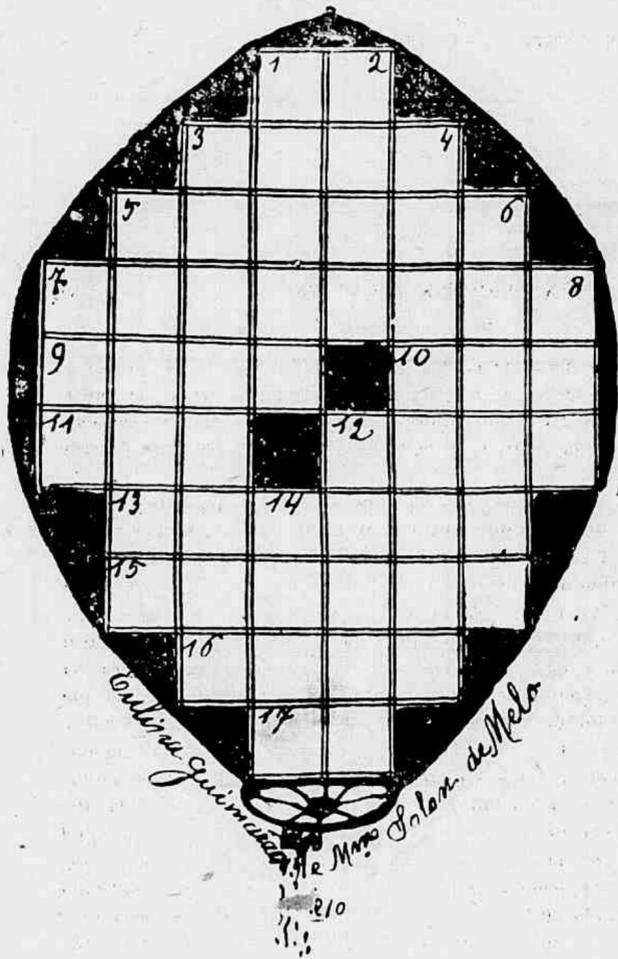
MOLESTIAS DE SENHORAS — OPERAÇÕES

## Dr. Campos da Paz Filho

Ginecologista

Calça F. Light — Laureado pela Academia de Medicina  
Edifício CARIOCA — Sala 218 — Tels.: 42-7889 83-5466

# Palavras Cruzadas



### CHAVES HORIZONTAIS

- Nota musical.
- Planta da família das sapotáceas.
- Chapa delgada de metal.
- Fatalidade.
- O nascimento de um astro.
- Deusa de medicina.
- Gracejar.
- Caminha.
- Pedra de aguiá.
- Livros de perigo.
- Praças de rios.
- Pedra de amolar.

### SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS ANTERIORES:

- Verticais: 1 — Ano; 2 — ano; 3 — furar; 4 — irere; 5 — até; 6 — ruminadouro; 7 — desarrimado; 8 — imã; 9 — Glifos; 10 — oiras; 15 — etéreos; 18 — amapá; 20 — adrar; 22 — uma; 23 — mar; 25 — ética; 26 — solar; 27 — Dunga; 28 — Aziar; 33 — Fel; 34 — Orb; 37 — bis; 39 — aro.

### Horizontais

- 3 — Fina; 7 — dingo; 11 — urutú; 12 — emoli; 13 — are; 14 — Emsa; 16 — ira; 17 — ara; 19 — ita; 20 — afã; 21 — remunerados; 24 — amarrar; 25 — espadeirada; 29 — toa; 30 — oom; 31 — Ruz; 32 — til; 33 — fusão; 35 — mire; 36 — caber; 38 — Draga; 40 — arilo; 41 — obrar.

### CHAVES VERTICAIS

- Macaco.
- O Espectro solar.
- Por mastros em navios.
- Planos.
- Labios.
- Seças, estereis.
- Pezar.
- Epoca.
- Andorinha, rasteira.
- Voz imitativa do sino.

# ★ Primeiro Aniversário ★

A 10 de setembro de 1946, instalava-se, à rua Marquês de Abrantes, 144, a União Feminina do Flamengo, Catete e Glória. Quarenta mulheres compareceram. Traíam ainda o entusiasmo que marcou a Mesa Redonda Anita Garibaldi, por elas promovida e coordenada pouco tempo antes. Queriam trazer para uma associação de mulheres, efetiva, real e permanente, as reivindicações que levantaram naquela noite iluminada de debates e de sonhos. Uma ânsia de lutar, pacífica e organizadamente, pelo bem comum, pelas crianças e pelas mulheres, por um dia claro, um porvir cheio de bem-estar — palpitava em seus corações ardentes.

A reunião de 10 de setembro foi precedida de várias reuniões preparatórias, elegendo-se uma diretoria provisória, assim constituída: jornalista Maura de Sena Pereira, cantora Lucina Amora, senhora Nair Cunha, senhora Yedda Maria Borel Machado e senhora Dulce de Azevedo Jardim.

A diretoria provisória, às vésperas do dia 10, lançou uma carta-manifesto às moradoras do Flamengo, Catete e Glória, mostrando a necessidade de lutar, unidas, contra a carestia e o câmbio negro, pelo progresso das mulheres, pelo futuro das crianças, pela tranquilidade dos pais e do angustiado coração das mães.

Fundada no dia 10, três comissões técnicas logo se formaram, de acordo com as sentidas reivindicações, calorosamente levantadas pelas mulheres presentes, começando assim o trabalho prático da nova União Feminina. Comissões de: habitação, tecidos, tinturarias e lavanderias e alimentação. Essas comissões de estudos e ativo trabalho têm, até hoje, atuado valentemente, apresentando relatórios e memoriais, os quais a União transmite, imediatamente, às autoridades.

Logo após, eram elaborados, discutidos e aprovados os estatutos da nascente organização, os quais firmaram as seguintes e importantes finalidades da mesma: a) Combater, por todos os meios ao seu alcance, o encarecimento do custo de vida; b) Estudar os problemas relacionados com o encarecimento do custo de vida e empenhar-se por solucioná-los; c) Defender o tabelamento e divulgar as tabelas de preços; d) Opor-se a quaisquer impostos ou taxas de que possa resultar a elevação do custo de vida; e) Pleitear pela higiene dos bairros do Flamengo, Catete e Glória, pela obrigatoriedade da medicina preventiva e por medidas de profilaxia social; f) Bater-se, enfim, por medidas de bem-estar coletivo e, principalmente, das populações dos bairros citados; g) Empenhar-se pela igualdade de direitos civis e pela emancipação econômica da mulher, bem como preservar os seus direitos políticos.

De acordo com os aludidos estatutos, realizou-se, em seguida, a eleição da diretoria definitiva: Maura de Sena Pereira — presidente; Juanita Machado — vice-presidente; Nair Cunha — 1ª secretária; Yedda-Maria Borel Machado — 2ª secretária; dra. Maria Enyd Ladeira — tesoureira; professora Emilie Saldanha da Gama Kamrad — Bibliotecária. Pela diretoria, foram escolhidas as

## Da União Feminina do Flamengo, Catete e Glória

associadas dras. Amélia Duarte e Maria Augusta Tibiriçá, respectivamente, para os cargos de consultora jurídica e assistência médica.

Em seguida, foi lançada a campanha contra o mercado negro, constituída de faixas e cartazes e iniciada com uma conferência pronunciada pela dia. Amélia Duarte na sede da União Nacional dos Estudantes. O salão nobre da U.N.E. estava repleto. A conferencista dirigiu-se às donas de casa, ladeada pela diretoria da União e das autoridades especialmente convidadas.

A União Feminina do Flamengo, Catete e Glória levantou a necessidade de lutar pela solução do dramático problema da moradia no Distrito Federal e, fazendo um apelo à mulher carioca, realizou, em março deste ano, concorrida Mesa Redonda, para debatê-lo. Todas as sugestões aprovadas foram citadas no documento enviado pela União à Câmara Municipal por intermédio das vereadoras.

Outras realizações dignas de nota: criação da Cooperativa de Consumo "União Feminina do Flamengo, Catete e Glória, presidida pela senhora Alice Tibiriçá, criação de cursos de Corte e Costura, Bordados e Flores.

A União é pessoa jurídica de direito privado, registrada sob o nº 359 do livro A nº 1 do Registro de Pessoas Jurídicas.

A organização aniversariante tem distribuído às suas associadas: banha, feijão preto, azeite e tecidos populares.

Festejando o seu primeiro aniversário, a União Feminina do Flamengo, Catete e Glória realizará, em vários dias de setembro, a partir do dia 10, expressivos atos: Inauguração de um grande Curso de Alfabetização para mulheres; distribuição de azeite e tecidos populares às suas associadas; instalação da sua Biblioteca; envio no



Uma reunião na União Feminina do Flamengo, Catete e Glória

dia 16, de uma mensagem ao Conselho de Segurança da ONU, em favor das 20.500 mulheres espanholas presas; Comemoração do 1º aniversário da Constituição de 18 de setembro de 1946. E, no dia 30, última terça-feira de setembro, encerrará festivamente as suas comemorações, com uma grande assembleia em sua sede, para a qual estão convidadas as organizações congêneres, as associações femininas, todas as mulheres.

## O 18 DE SETEMBRO E AS UNIÕES FEMININAS

RAQUEL LOBO



Dois sentimentos profundamente diversos invadem os corações femininos neste mês em que se comemora o 18 de setembro — dia em que, mandatários do povo promulgaram nossa Carta Magna, a qual veio trazer a confiança, tranquilidade e segurança à família brasileira tão ansiosa por liberdade.

Um, de alegria, porque justamente há um ano, na época em que o texto constitucional estava sendo elaborado e portanto, as principais liberdades do cidadão asseguradas, foi que as mulheres do Distrito Federal, sentindo-se confiantes com a democracia recém-surgida, sentindo que ter a liberdade de organizar-se e o direito de expressar os seus pensamentos e sentimentos de nada valeria sem que este direito fosse usado, justamente nessa época, surgiram as primeiras Uniãos Femininas contra a Carestia, onde, mulheres de todas as classes sociais e de todas as tendências filosóficas ou religiosas, uniram-se, acima de partidários, para lutar contra as filas, contra a carestia e os açambarcadores.

Um ano portanto comemoram estas organizações femininas. Um ano irá completar nossa tão nova Constituição.

Nesse período, grandes lutas foram encetadas pelas mulheres nessas Uniãos Femininas. Vitórias foram obtidas, ora pequenas, ora maiores, graças a que cresceu e cada vez mais se solidifica o movimento feminino no Distrito Federal.

Foi nessas organizações, no trabalho empreendido pelas mulheres para a resolução dos seus problemas mais prementes, que começou a mulher carioca a melhor conhecer os seus deveres e também os seus direitos para com a sociedade.

Na luta contra a carestia e pro um melhor abastecimento de gêneros de primeira necessidade, em que as mulheres sempre procuraram colaborar com as autoridades para sanar as dificuldades existentes, aprendeu também a mulher que, embora sem fazer política-partidária — pois não é esta a finalidade dessas organizações onde existem mulheres de todos os partidos — estava fazendo política. E pois que assustar-se com essa palavra, se a política feita era a política de defesa do seu lar, de seus filhos e de suas famílias, através da luta por mais alimentos para não morrer de fome?

O firme desejo e a tenacidade de cumprir as finalidades para que foram criadas, fez com que as Uniãos Femininas, em colaboração com as autoridades muitos benefícios tivessem conseguido para os seus bairros, tais como a venda de banha, tecidos e outros gêneros, bem

como a concessão de feiras, caminhões de verdura, por parte da Prefeitura e outros órgãos da administração pública.

Hoje, continuam as mulheres a se organizar e a exigir dos seus governantes medidas práticas contra a carestia, que cada vez mais cresce assustadoramente.

Susgem novas Uniãos Femininas, a exemplo das demais, porque as mulheres vão compreendendo o seu próprio valer e a sua força quando unidas.

Ao comemormos as grandes vitórias já obtidas por estas organizações que já conquistaram a simpatia da população carioca, bem como a da promulgação da Carta Constitucional que permitiu o aparecimento das mesmas, o que é, sem dúvida, motivo de regozijo, também um sentimento de tristeza surge de quando em quando no lar brasileiro com as ameaças de desrespeito à lei, que motiva a intranquilidade no seio de nossa população.

Nem por isso esmorecem as mulheres na luta organizada pela solução dos seus problemas. E nesta data de alto significado para nós, é com alegria que a festejamos, pois, a sua garantia também depende da união de todas as mulheres, que constituem uma força viva da Nação.

Sim, se o texto de nossa Constituição não for rigorosamente respeitado, nossas organizações correm perigo. E sabemos que elas nos são indispensáveis porque sem elas não poderemos lutar contra a carestia que cresce dia a dia.

Por isso, não podemos desligar nossa luta contra a carestia e por nossas melhorias, sem ao mesmo tempo lutar pela defesa intransigente de nossa Constituição.

A assim é que devemos comemorar os aniversários de nossas Uniãos Femininas: Unindo-nos cada vez mais, trabalhando incansavelmente para que se acabem as filas, para que haja mais gêneros de primeira necessidade e a menores preços; para que haja mais escolas, hospitais, creches e maternidades; mais transportes para nosso povo tão sacrificado; para que barracos de famílias trabalhadoras não sejam destruídos sem que o governo primeiro construa outros barracos, e, enfim, para que nossos lares possam ter uma vida mais digna e sem miséria.

E, entrelaçando este nosso trabalho por nossas melhorias, com a defesa de nossa Carta Magna, estaremos realmente sendo as mulheres do mundo moderno, que lado a lado com os homens trabalham pelo progresso de sua Pátria.



Sra. Maura de Sena Pereira, Presidente da União